

INTENSIFIQUEMOS O ALISTAMENTO ELEITORAL

RESPONDENDO ao apelo lançado por Prestes em sua última entrevista, verifica-se em todo o país um interesse cada dia maior das massas populares em torno das eleições de outubro próximo. Surgem em quantidade crescente os postos eleitorais dos candidatos democráticos, nos quais se inicia um intenso trabalho no sentido de alistar novos e novos eleitores. Ao mesmo tempo, alguns setores da classe operária e do povo tomam a iniciativa de apresentar os candidatos de sua confiança, lançando as bases de uma ampla campanha de massas.

As iniciativas até agora tomadas pelas forças democráticas indicam que elas se aprestam para participar decididamente das eleições de outubro, animadas da inabalável disposição de obter a vitória para o povo e infligir uma séria derrota nos traidores da pátria, nos reacionários, enfim no governo esfomeador e opressor de Vargas.

A experiência de nosso próprio povo, dos sofrimentos e privações por ele passados ano após ano enquanto os governos se sucedem, mostra que a solução verdadeira para os seus efetivos problemas não poderá vir através de eleições, estando o poder nas mãos da minoria que, sem nenhum rescaldo de pudor, vende a nação aos monopólios norte-americanos. Torna-se cada vez mais claro que somente com a substituição desse regime que hoje oprime o país, teremos um Brasil livre e independente e o nosso povo conquistará a felicidade e o bem-estar.

Mas isto precisamente é que leva as forças democráticas, e em primeiro lugar os comunistas, a compreenderem toda a enorme importância que tem, dentro da luta libertadora do povo brasileiro, a participação das grandes massas no pleito eleitoral que se aproxima. Como afirmou Prestes em sua entrevista, «o voto não é um direito apenas, mas um dever do cidadão». Sabendo bem utilizar a arma do voto, o novo brasileiro poderá impedir que cheguem ao Parlamento conhecidos reacionários ou agentes dos monopólios lanques, vibrando assim um golpe decisivo na sinistra conspiração dos trustes americanos, visando colonizar por completo o Brasil. Comparando as urnas para votar contra Getúlio e a reação o novo brasileiro estará defendendo os seus mais caros interesses, estará contribuindo para a salvaguarda da soberania de nosso país. Enfim, elegendo em outubro os candidatos apresentados pelas forças democráticas — os comunistas e seus aliados — as massas estarão dando um sério passo no caminho que conduzirá à conquista de seus objetivos, à vitória de um governo do novo, capaz efetivamente de tornar em palpante realidade as transformações democráticas e progressistas preconizadas no Programa do P.C.B.

Tudo isto, naturalmente, está na dependência da mobilização de massas que se faça durante todo o período da campanha eleitoral, bem como da conquista de um maciço eleitorado, que possa assegurar nas urnas a vitória da vontade popular. Como acentuou Prestes, existem todas as condições para isso. O que é necessário é desenvolver um esforço infatigável com o objetivo de unir a todos os brasileiros, independentemente de classe social ou de partidos políticos, na defesa da paz, e da democracia, na luta pela emancipação nacional e contra a miséria e a fome que atormentam o nosso povo.

Por outro lado, é preciso também intensificar ao máximo a realização das medidas práticas indicadas por Prestes, uma vez que elas constituem a base concreta em que se apóia todo o trabalho de mobilização, esclarecimento e organização das massas. Não há dúvida de que entre essas medidas a que mais se destaca em importância é a que diz respeito à criação e multiplicação dos postos eleitorais. Cada posto dos candidatos democráticos que hoje se instala representa uma nova trincheira que se levanta na luta contra os piores inimigos de nosso povo, na luta contra o governo de Vargas.

A que se deve toda essa importância que assumem agora os postos eleitorais? Ao fato que é neles que se trava a importantíssima batalha do alistamento eleitoral, da conquista dos votos para os candidatos do povo. Ao fato de que os postos eleitorais constituem centros de irradiação de uma ampla atividade de massas, representando portanto um poderoso fator de esclarecimento e unificação das grandes massas trabalhadoras e populares.

Em cada bairro e em cada rua, um posto eleitoral — esta é a tarefa que os comunistas tomam firmemente em suas mãos, compreendendo que isto significa erguer uma poderosa barreira contra a qual serão desfeitos em pedaços os planos dos inimigos mortais de nosso povo — os imperialistas americanos e seus serviçais, o infame governo de Vargas.

NESTE NÚMERO

DERROTA IANQUE NO PAQUISTÃO — Pág. 2

MENSAGEM DE UM GOVERNO EM BANCARROTA — Pág. 3

30.000 TEXTEIS CARIOCAS LUTAM PELO SALÁRIO-MÍNIMO — Pág. 10

GETÚLIO, PAI DA CARESTIA — Pág. 11

VOZ OPERÁRIA

N. 254 ☆ Rio de Janeiro ☆ 27 de Março de 1954

AS MASSAS CONQUISTARÃO A LEGALIDADE DO P.C.B.

A LEGALIDADE DO PCB É UMA ASPIRAÇÃO NACIONAL, É UMA EXIGÊNCIA IMPERIOSA DE MILHÕES DE BRASILEIROS

(Leia Reportagem na Página 12)



(REPORTAGEM NA PÁGINA CENTRAL)



FRAGOROSA DERROTA DA POLÍTICA DE GUERRA NA ÁSIA

O POVO DO PAQUISTÃO VOTOU Contra o Imperialismo e a Guerra

ESCRAVIZADO pelo imperialismo britânico, o Paquistão só surgiu para a vida política formamente independente, em agosto de 1947. Os governantes paquistânicos, que encontraram o país saqueado por séculos de opressão estrangeira, passaram a realizar uma política em tudo digna de seus antecessores diretos: os ocupantes coloniais. Com mais de 900.000 quilômetros quadrados de extensão e uma população de cerca de 80 milhões de habitantes, não faltam riquezas ao país. Mas elas são postas à disposição dos grandes monopólios estrangeiros apoiados pelos senhores feudais e a grande burguesia vendida.

Multidões de famintos vagam constantemente pelo Paquistão ou emigram para outros países. No campo, a maior parte dos trabalhadores padece desemprego crônico em certas estações do ano. Isso, sem contar os desempregados permanentes. O proletariado ainda é pequeno e sofre toda espécie de perseguições. A renda nacional é baixíssima: cerca de 50 dólares por habitante. Enquanto isso, a militarização do país é cada vez mais intensa, absorvendo mais de 50% do orçamento.

Karachi, um Peão de Washington

Uma nova praga veio abater-se sobre o povo do Paquistão: o imperialismo americano que disputa aos ingleses o país e ganha posições dominantes, arrebanhando gordos lucros.

Para os americanos, como se sabe, o Paquistão desempenha um papel importantíssimo em seus planos guerreiros para o «Oriente Médio» e para a montagem do sistema de bases militares que se estende ameaçando a União Soviética, a China, e os países de democracia popular.

Recentemente o governo do Paquistão deu mais um passo no sentido da guerra, «solicitando» auxílio militar aos Estados Unidos, após conversações preliminares sobre o assunto dirigidas por diplomatas ianques. O sentido dessa aliança militar agressiva foi de-

finido pela própria imprensa americana e desmascarado pelo ministro da Índia, o sr. Nehru. Como se sabe, a posição do governo indiano, forçado pelas massas a adotar posições internacionais pouco satisfatórias para os imperialistas preocupam o Departamento de Estado que, por isso, baseia-se no Paquistão para pressionar a Índia, ao qual os governantes paquistânicos disputam a Cachemira.

A ocupação militar americana no Paquistão ameaça o Afeganistão e a União Soviética que já denunciou energicamente as novas manobras guerreiras dos governantes de Karachi e Washington. Mohammed Ali, primeiro ministro do Paquistão, pretende, a seu tempo, desempenhar o mesmo papel de Sigman RI, em escala ainda maior.

Ankara e Karachi são os dois principais peões do imperialismo americano no mundo árabe e, portanto, nada há de extraordinário que seus governantes também se tenham unido num acordo militar, pois quem é igual se junta.

Derrota da Política Ianque

O povo do Paquistão luta vigorosamente contra a política de guerra e de terror posta em prática por Mohammed Ali e pela Liga Muçulmana que o apola. A demagogia desenvolvida no sentido de apresentar como «defensiva» as alianças militares de agressão que se sucedem, não iludem às massas.

O Partido Comunista do Paquistão dirige a luta contra a dominação estrangeira e, dia a dia, se firma no seio das massas, apesar do terror existente. A sua voz unem-se todas as outras forças democráticas e patrióticas, desejosas de impedir a política de suicídio nacional posta em prática pelos governantes.

O povo do Paquistão repudiou com vigor as manobras do imperialismo ianque, derrotando fragorosamente Mohammed Ali e a Liga Muçulmana, nas recentes eleições na parte Oriental do país, que é a

mais populosa. Segundo os resultados conhecidos, todos os ministros, menos um, foram derrotados. Das 237 cadeiras que detinham nessa parte do país, os partidários do governo só conservavam 90, havendo possibilidades de perderem muitas outras, para os candidatos da frente única que fizeram sua campanha tendo como um dos temas principais o repúdio ao pacto com os Estados Unidos e que exigem agora eleições gerais para lançarem a pá de cal no Governo.

A lição dos fatos é bem simples: ela mostra o futuro vergonhoso de todos os governos que baseiam sua política no apoio aos incendiários de guerra norte-americanos e comprova a precariedade dos planos agressivos ianques, repudiados pelos povos em todos os cantos da terra.

120 Milhões de Eleitores Escolheram o Soviet Supremo

A 14 de março realizaram-se em toda a URSS, num ambiente festivo, as eleições para o Soviet Supremo. As eleições constituem um dos mais importantes acontecimentos da vida do povo soviético e transcorrem sob o signo de uma grande atividade política e organizativa. Intensos debates sobre os candidatos indicados precedem o pleito e esse é, sem dúvida, um dos motivos capitais pelo qual a lista de candidatos do bloco dos comunistas e sem-partido abriga, efetivamente, os melhores homens soviéticos, aqueles que em todos os ramos de atividade se distinguiram por sua dedicação no trabalho criador.

Ao contrário daqueles países onde domina o capital,

nos quais as eleições têm, por definição, um caráter antidemocrático, sendo privadas do direito de voto amplas camadas da população, as eleições na União Soviética englobam todos os maiores de dezoito anos, independentemente de sua nacionalidade, creanças, sexo, profissão, atividades anteriores, origem social e situação material. Elas refletem, portanto, o mais alto grau da democracia já alcançado pela humanidade.

O povo soviético, multinacional, comprova cada vez sua unidade moral e política e sua coesão inquebrantável em torno do Partido Comunista e do Governo Soviético que há 36 anos o conduzem pela estrada da felicidade e do progresso construindo o

socialismo vitorioso e iniciando a edificação da sociedade comunista. Os resultados da última eleição mostram que a coesão das amplas massas soviéticas cresceu mais ainda, e maiores se tornaram o prestígio do Partido e do Governo: 99,98% dos votantes inscritos compareceram às urnas e, deles, 99,79% sufragaram as listas dos candidatos do Partido Comunista e dos sem-partido.

Assim, 120.479.249 pessoas votaram pelo bloco dos comunistas e dos sem-partido. De acordo com o comunicado oficial, são as seguintes as cifras das eleições para o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades, que são os dois ramos do Soviet Supremo, o mais alto poder da URSS:

PORCENTAGEM DOS VOTOS OBTIDOS PELOS CANDIDATOS DO BLOCO DOS COMUNISTAS E DOS SEM-PARTIDO

NOME DA REPÚBLICA FEDERADA	Porcentagem de votantes relação aos eleitores	Soviet da União — % sobre n° de votantes	Soviet das Nacionalidades — % sobre o n° de votantes
R.S.F.S.R.	99,98	99,73	99,83
R.S.S. da Ucrânia	99,99	99,88	99,91
R.S.S. da Bielorrússia	99,99	99,94	99,66
R.S.S. da Uzbequia	99,97	99,39	99,86
R.S.S. da Kazáquia	99,99	99,79	99,78
R.S.S. da Georgia	99,99	99,95	99,99
R.S.S. do Azerbaidjã	99,99	99,81	99,83
R.S.S. da Lituânia	99,95	99,91	99,94
R.S.S. da Loldávia	99,99	99,85	99,80
R.S.S. da Letônia	99,96	99,94	99,96
R.S.S. da Kirguizia	99,99	99,67	99,70
R.S.S. de Tadjiquia	99,99	99,92	99,89
R.S.S. da Armênia	99,99	99,94	99,94
R.S.S. da Turmenia	99,99	99,83	99,84
R.S.S. da Estônia	99,85	99,77	99,76
R.S.S. Carelo-Filandeses	99,99	99,84	99,66
Total para a U.R.S.S.	99,98	99,79	99,84



Colonialismo em Caracas

TODOS os países da América Latina são países semi-coloniais, em sua maior parte numa penosa transformação em colônias devido à política imperialista dos Estados Unidos, que são a potência dominante nesta parte do continente e aquela que ameaça diretamente a independência de todas as nossas pátrias. O principal aspecto de qualquer política anti-colonialista neste hemisfério não é, portanto, outro que a luta contra a agressão, posta em prática pelos monopólios norte-americanos.

Além das dezenove republicas que usufruem de uma independência formal há, na América, diversos territórios postos diretamente sob o guante de diversas potências colonialistas. Desses, o principal, aquele que mais tenazmente tem lutado por sua independência, é Porto Rico, escravizado pelos norte-americanos. Seguem-se as Guianas (sob a posse da Holanda, França e Grã-Bretanha) e diversas ilhas das Caraíbas. Finalmente, há ainda territórios ocupados por potências imperialistas e que são disputados por um ou vários Estados continentais, destacando-se, nesse caso, o território de Belice (Honduras Britânicas) em litígio entre a Guatemala, o México e a Grã-Bretanha, e as ilhas Malvinas (Falkland) que os ingleses roubaram à Argentina.

Não é para os países latino-americanos, no momento, um problema capital a posse de territórios que disputam a países extra-continentais, pois, como se sabe, a questão principal que se lhes apresenta nos tempos atuais é a garantia de sua própria independência posta em xeque pelos Estados Unidos.

Todavia, em Caracas, agitou-se de maneira espetacular a questão do colonialismo na América, vendo-se assim governos vassallos dos Estados Unidos, mais preocupados em declarações ribombantes sobre os territórios ocupados por nações extra-continentais do que em defender os interesses de seus próprios povos.

Excluindo-se os territórios disputados pela Guatemala e México e a Argentina à ocupação inglesa, sobre os

quais há uma tradicional política desses países no sentido de recuperá-los, as outras questões mais destacadas do colonialismo na América referem-se à Guiana Inglesa e a Porto Rico.

Apesar disso, as resoluções votadas em Caracas não dizem sequer uma palavra sobre Porto Rico pois se referem, apenas, às colônias de países «extra-continentais», isto é, permitem a existência de «colônias de países continentais», as já existentes e as que estão em rápido processo de formação. Basta isso para definir o que foi, realmente, o anti-colonialismo dos governos submetidos aos Estados Unidos.

Da maneira em que foi colocada a questão colonial ficaram de lado seus principais aspectos. Os Estados Unidos foram, assim, os verdadeiros beneficiários das discussões embora se abstivessem na votação ou votassem contra certos itens, pois elas, em primeiro lugar, desviaram a atenção de parte do público de assuntos mais importantes que a delegação americana não desejava discutir e, em segundo lugar, fizeram com que se voltassem contra seus concorrentes capitalistas (particularmente a Inglaterra) as palavras e os doestos que, em primeiro lugar, caberia dizer aos próprios americanos.

Particularmente vergonhosa foi a posição da delegação brasileira em todo esse assunto. Posta no terreno dos princípios ela é vazia pois se excluem de seu texto os territórios em litígio, além de Porto Rico, colônia americana. Além disso, Raul, absteve-se de votar a emenda guatemalteca sobre o repúdio do uso da força contra os países coloniais, isto é, confirmou a posição de Vargas no caso da Guiana Inglesa, a favor do imperialismo.

Um diversionismo fôfo beneficiando os Estados Unidos, eis o caráter principal das discussões sobre colônias em Caracas. Note-se, finalmente, que o assunto, no plano diplomático, deve ser debatido é na ONU à qual se contrapõe, na verdade, a Organização dos Estados Americanos, que foi criada pelos Estados Unidos em vista de seus interesses particularíssimos.

A mensagem de Vargas retrata

A Política Abominável De um Governo em Bancarrota

O SR. GETULIO VARGAS enviou alentada mensagem ao Congresso sobre os acontecimentos transcorridos no último ano e os atos governamentais no mesmo período. No preâmbulo do documento, o sr. Vargas apresenta-se como um governo salvador — todos os problemas fundamentais do país já foram resolvidos ou se encontram na iminência de uma solução definitiva. Tudo já se encontra devidamente encaminhado, o Brasil em progresso vertiginoso e seu povo vivendo na fartura, sob a tutela da camarilha de Vargas.

A mensagem está concebida em termos cuidadosamente escolhidos para produzir impressão favorável. Esboça-se ali um quadro róseo da situação do país. Entretanto, o conteúdo dessa mesma mensagem desmente o palavreado amavel e nos mostra um país atrasado, dominado pelos monopólios americanos, em que o povo vive na miséria, espoliado e oprimido por uma camarilha de grandes fazendeiros e negociantes inteiramente vendidos aos imperialistas dos Estados Unidos. Mais ainda, a mensagem retrata o governo de Getúlio e sua política de traição nacional e esfomeamento do povo.

Vejam alguns fatos e aspectos do documento, que confirmam plenamente, entre muitos, a análise que o Programa do P.C.B. faz da situação nacional e do governo camarário de Vargas:

ATOS VERGONHOSOS DE UMA POLITICA CAUDATARIA

Na parte política internacional, o sr. Getúlio Vargas, depois de estultas considerações extraídas dos magazines ianques, confessa sem rebuços sua atuação inteiramente subserviente ao Departamento de Estado norte-americano. «O Brasil, — diz — continua a prestar decidido apoio às nações do chamado bloco ocidental». E recorda as «tradicionalis relações de submissão aos Estados Unidos».

Adiante menciona os atos do governo no exterior e na ONU; entre os quais basta mencionar alguns dos mais escandalosamente contrários às aspirações da humanidade à Paz e ao interesse da independência nacional dos povos:

— O Brasil votou contra a Inclusão da Índia na Conferência Política da Coreia, para não desagradar — alega a mensagem — o governo fantoche de Singmam Ri, da Coreia do Sul.

— Os delegados de Vargas votaram pela revisão da Carta da ONU, apoiando a velha chantagem ianque contra o princípio da unanimidade em que se baseia a organização Internacional.

— Os representantes de Vargas tiveram o supremo cinismo de apoiar calorosamente a provocação dos imperialistas sobre «trabalho escravo» na U.R.S.S., e nas democracias populares.

— Descendo ao último grau de subserviência e baixaza, os homens de Vargas defenderam o ponto de vista de que Porto Rico, colônia que luta bravamente contra o opressor ian-

que defendeu a política de rapinagem dos imperialistas ianques.

— Finalmente, a mensagem menciona a Conferência de Caracas, onde, segundo a expressão de um jornalista brasileiro credenciado junto ao conclave, o sr. Vicente Rao fez o papel de «vice-líder da maioria» obediente aos Estados Unidos, logo abaixo de Foster Dulles, tal o calor com

que é, hoje, «p/s autônomos», somente para evitar que os EE.UU. prestem contas à O.N.U., desse «território sob tutela» e apareçam oficialmente como potência colônial. Agindo furiosamente contra o entendimento entre as nações, os delegados de Vargas votaram contra a admissão da U.R.S.S., na Organização Internacional do Trabalho, a

que defendeu a política de rapinagem dos imperialistas ianques.

Defesa Nacional... dos EE. UU.

Quanto à política interna do governo, as tiradas demagógicas da mensagem presidencial se esborçam de encontro aos fatos, alguns mencionados no próprio documento. Também o que ressalta aí e sua política de laçoio e inimigo do povo. O capítulo da «defesa nacional» tem como centro «o acordo militar Brasil-Estados», instrumento de dominação econômica e militar ianque sobre o Brasil e que segundo Vargas, encontrou em sua fase de execução, com a chegada de fardo equipamento de guerra. É a política de guerra e militarização exigida pelos EE.UU. Aí se diz então que há uma proposta do Estado-Maior das Forças Armadas brasileiras já aprovada pela Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos» e «sujeita às disponibilidades dos fundos votados pelo Congresso Americano para esse fim».

Ainda nesse terreno, Vargas fala das comunicações do exército, não mencionando, porém, a estação rádio-telegráfica instalada e guardada por militares ianques em Jequiá, no Recife, de acordo com a denúncia feita pelo deputado Magalhães Melo, e cuja potência lhe permite controlar todo o sistema de

comunicações rádio-telegráfica das forças armadas brasileiras.

Paraiso dos Trustes

Quanto à situação econômica do país, Vargas repete as excelências do «plano Aranha» cujas consequências estão visíveis diante de todos: o estrangulamento da indústria nacional, a carestia e o descalabro econômico, em benefício de um reduzido grupo de latifundiários e tubarões ligados ao governo. Não obstante, os técnicos de Vargas incluíram aí dados que nos mostram o comércio exterior feneceando sob o controle ianque, o país fazendo empréstimos escabrosos para pagar dívidas aos usurários de Wall Street, os bancos americanos concedendo empréstimos, nas condições mais onerosas, destinados principalmente aos trustes de eletricidade a Light e a Bond & Share, dominados pelo grupo monopolista Morgan, dos EE.UU. E enquanto esses trustes locupletam-se com lucros máximos arrancados aqui e com novos empréstimos, a produção industrial reduziu seu ritmo de desenvolvimento especialmente por motivo da aguda carência de energia elétrica, para usar os próprios termos de Vargas.

Diante disso, qual o remédio proposto por Getúlio? O tal fundo de eletricidade e a panacéia da Eletrobás, que significam, no fundamental, fazer empréstimos para os trustes de eletricidade e construir usinas para fornecer energia barata para esses mesmos trustes, a exemplo do que já faz a Usina de Cotegipe, do governo Federal, vendendo energia a preço vil para a empresa da Bond & Share em Salvador.

Em todos os assuntos ligados ao desenvolvimento econômico aparece, aliás, ora disfarçado, ora às claras o dedo do imperialismo ianque, tal como no terreno da Mineração, em que Vargas fala de projetos que terão de ser subordinados ao «United States Bureau of Mines», organização oficial americana que se movimenta por todo o país fazendo o levantamento das riquezas minerais do Brasil, particularmente dos materiais de interesse militar como os minérios radio-ativos, a fim de programar sua exploração e remessa para os Estados Unidos a preços vis.

Insulto ao povo

— Em relação à situação do povo, Vargas procura desconversar e chega ao despiante — certamente fiado em que o povo não lerá seu cartapácio — de asseverar que o povo vem comendo muito mais e melhor, e que, quanto à alimentação do povo não será exagero, pois, afirmar que o problema se aproxima da solução. Que o digam as donas de casa, as massas trabalhadoras, a grande maioria da população sub-nutrida, que não sabe mais o que fazer para adquirir alimentos dia a dia mais caros e inacessíveis!...

Governo anti-operário

— Getúlio alega que a questão do salário-mínimo está em

estudos. Esconde clinicamente o fato de que tal questão já fora resolvida por um organismo nomeado pelo governo de acordo com os próprios dados oficiais. Outro acerto da classe operária contida na mensagem é a afirmação de que o governo garantiu o direito de greve consagrado pela nossa Carta Magna. Todos sabem que o governo sempre garantiu o direito dos patrões explorarem desapidadamente os trabalhadores, inclusive chacinando grevistas como o fez contra os metalúrgicos e têxteis de São

Paulo contra os têxteis cariocas e os marítimos, como o faz sempre que se trata de roubar aos trabalhadores o direito de lutar por não morrer de fome e por melhores condições de vida.

A situação de nosso povo é de tal forma aflitiva que em muitas questões faltam a Vargas recursos de imaginação para enfeitar as coisas e acaba confessando seu fracasso, como o faz diante do problema da moradia popular: «O problema continua a desafiar o esforço do poder público...»

Substituir Vargas por um governo do povo

Sob a máscara das belas palavras alinhadas pelos escribas do senhor Vargas, o que se encontra em sua mensagem, é a imagem de um governo incapaz e corrupto, sua política visceralmente contrária aos interesses da nação e às aspirações do povo. O governo de Vargas já não consegue, assim, enganar nem mesmo ao seu estreito círculo de aproveitadores palacianos. Pinta-se a si mesmo como um governo falido, agente do opressor americano, porta-voz dos interesses mesquinhos de certa minoria exploradora, defensor encarniçado de uma causa morta. Esse é o governo que empesta a nação e impede o seu desenvolvimento!

O que se torna evidente, pois, é a necessidade de lutar contra ele, de agrupar a todos os interessados na libertação do país e na construção de um novo regime, desde industriais nacionais a operários e camponeses, para que constituam a força capaz de substituir Vargas por um novo governo verdadeiramente do povo.

Essa é a grande tarefa patriótica de nosso povo, que já se inicia, e que ganhará um novo impulso, se desde já, as forças democráticas souberem participar unidas em frente única das próximas eleições, vencendo os paus-mandados desse governo em bancarrota.

Para Derrotar Getúlio Nas Próximas Eleições

ESTIMULADO pela notícia da participação do P.C.B. nas próximas eleições, começa a se movimentar o povo a fim de debater seus problemas e escolher homens de sua confiança para candidatos aos postos eletivos. Em diversos setores profissionais e associações populares, nos bairros e empresas suscita-se a questão eleitoral e discute-se as diversas formas pelas quais o povo poderá influir no pleito. Marítimos, funcionários públicos, jovens e donas de casa, operários, comerciários, homens do campo, em suas associações e locais de trabalho, iniciam as demarções para uma campanha eleitoral de luta por suas reivindicações e pelos supremos interesses do país, sugerem nomes de homens e mulheres capazes de enfrentar vitoriosamente os candidatos do governo e da reação.

No Rio, em São Paulo, nas capitais dos Estados, bem como nas cidades do interior, surgem os primeiros postos eleitorais populares para arregimentar o eleitorado, registrar os cidadãos como eleitores e orientá-los. Em toda essa movimentação eleitoral que se inicia participam os comunistas de maneira ativa e decidida, esclarecendo os problemas nacionais diante do povo e mobilizando-o para a luta contra a carestia e a miséria, pela derrota eleitoral dos agentes do imperialismo, esfomeadores do povo, que detêm o governo em suas mãos.

Todo o esforço eleitoral dos comunistas está impregnado do mais vivo espírito unitário, visa a formação de alianças e coligações eleitorais, de modo a unificar todas as correntes de oposição e conquistar vitórias para o

povo. Em sua célebre entrevista sobre as próximas eleições, Luiz Carlos Prestes, Secretário Geral do P. C. B., definiu com a maior clareza a posição dos comunistas e indicou o caminho pelo qual as forças populares poderão obter significativas vitórias no pleito. Acentuando a necessidade da luta contra a minoria reacionária que executa no país a política dos monopolistas norte-americanos, o querido líder do povo brasileiro acentuava: «A vontade do povo poderá ser vitoriosa nas próximas eleições se em torno dessa plataforma patriótica for formada uma ampla coligação de forças e correntes políticas».

Essa, pois, a grande tarefa dos comunistas, de todos os que queiram lutar efetivamente contra o atual estado de miséria, atraso e submissão aos Estados Unidos em que se encontra nossa Pátria — unir a brasileiros de todas as classes e camadas sociais, quaisquer que sejam suas crenças e partidos políticos, a fim de enfrentar o punhado de traidores que nos oprime. Para isso, existem todas as condições, o P. C. B. é hoje uma força decisiva no cenário político nacional, seu Programa reflete justamente os interesses mais profundos da esmagadora maioria da população brasileira, cresce em todo o país o descontentamento e a revolta contra esse governo de latifundiários e tubarões. Do trabalho eleitoral dos comunistas e seus aliados dependerá a unificação numa só corrente de todas as forças patrióticas e democráticas de nosso povo. Estas — como diz Prestes — são imensas e poderosas, nas eleições vindouras, levar de vencida a política de traição nacional do sr. Vargas.

Em Defesa da Imprensa

Vem o governo praticando uma série de novos atentados à liberdade de imprensa no país. Em Salvador, o sr. Régis Pacheco mandou invadir as oficinas de «O Movimento», cuja existência se encontra ameaçada pelo terrorismo policial. Os mesmos esbirros do fracassado governador invadiram a sua armada a sucursal de VOZ OPERÁRIA, prendendo seu diretor e demais funcionários durante cinco dias, rasgando o contrato de locação da sede e ameaçando de represálias ao proprietário do prédio.

No Rio, por ordens diretas do Catete, vem a polícia tentando impedir a atividade da «Imprensa Popular», ao prender redatores e forjar inquéritos. Nessa sucessão de violências, prete igualmente o jornalista João Batista de Lima e Silva, diretor de VOZ OPERÁRIA, numa vã tentativa de envolvê-lo em suas tramóias ilegais. Por outro lado, assalta, à maneira de bandidos, a redação de «A Classe Operária» usurpando móveis e documentos, em conchavo com os proprietários do edifício a firma de usuários Othon L. Bezerra de Melo.

Desnecessário dizer que tudo isso se vem fazendo em flagrante desrespeito às leis vigentes. A liberdade de imprensa, consagrada na Constituição e direito de que o povo e os jornalistas, quaisquer que sejam suas tendências, não podem abrir mão, está sendo pisoteada de maneira mais cínica. Trata-se agora de barrar o golpe fascista contra a imprensa, erguendo-se em todo o país verdadeira muralha de protestos em defesa de um direito sagrado.

PROGRAMA DO PCB O POVO DEBATE O PROGRAMA DO PCB O POVO DEBATE O

Possível e Imediata a Aliança Operário-Camponesa

Antonio Maria Santos
(Norte do Paraná)

O projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil começa a atingir as massas camponesas. Os homens do campo sentem a justiça de seus pontos. Pelo debate, os camponeses reconhecem que as soluções apresentadas pelo Partido Comunista são realmente as suas imediatas aspirações e, por isso, acham-nas justas.

Cabe a nós, patriotas, com paciência e perseverança, explicar aos homens simples as grandes transformações econômicas e sociais que reclamam os supremos interesses da Nação, e que são, em última análise, os seus próprios interesses. Cabe-nos, portanto, criar entre as massas camponesas a consciência de sua força, arrebatá-las da influência de seus piores inimigos. Ensinem-lhes o caminho de sua organização, em sindicatos rurais e associações, que devem ser verdadeiros organismos de sua classe e tudo façamos para tornar concreta a sua aliança com a classe operária, que é a mais revolucionária, dirigente da revolução brasileira.

O ponto 37 do projeto de Programa é, sem dúvida, a aspiração máxima das camadas mais pobres do campo, dos assalariados agrícolas, dos camaradas, colonos e peões, de todos aqueles que em nosso país vendem, por diversos meios e formas, a sua força de trabalho no campo.

São homens e mulheres que em toda a sua vida trabalharam a terra, milhões de brasileiros que lutaram e lutam pela posse da terra e que jamais conseguiram o direito sequer a uma quadra de terreno. Mas o projeto de Programa lhes indica o caminho certo, o caminho da reforma agrária, verdadeiramente revolucionária, com o confisco dos latifúndios e distribuição gratuita da terra a quem nela queira trabalhar. Esta é sem dúvida a bandeira em torno da qual se unirão as massas camponesas, é a bandeira que a classe operária levanta bem alto, que será erguida e desfraldada ao vento, pelos milhões de brasileiros que vivem no campo.

Mas, é ainda o Programa do P.C.B. que esclarece: tal reforma só será efetuada com a derrubada do governo de Vargas, com a derrubada de tudo aquilo que ele representa. E os camponeses já sabem hoje por que aqueles que realmente trabalham a terra jamais conseguem alcançá-la. Sabem que a causa principal dessa situação é o domínio do Brasil pelos imperialistas norte-americanos, pelas grandes latifundiárias, senhores de imensas terras, de inúmeras e grandes fazendas de café, de cana e de vastas pastagens. A terra lhes é garantida como um «direito sa-

grafo». De «sagrado», entretanto, só tem a força de um governo inimigo dos camponeses, governo de uma minoria que oprime e esmaga pela força a maioria absoluta de nosso povo. Todo os camponeses conhecem a justiça de classe, a justiça a serviço da opressão. Todos os camponeses conhecem os crimes da polícia, que protege os jagunços dos latifundiários contra a massa camponesa.

Nenhum camponês esqueceu os crimes praticados, os assassinios impunes, as tocaias, as orelhas cortadas, os ranchos incendiados, a tralha na estrada, as prisões injustas que constituem um rosário de arbitrariedades próprias de um regime em que domina uma classe opressora. É sob o regime de Getúlio que tudo isso se pratica. É Getúlio quem, por todos os meios, impede que a terra passe às mãos do povo. Tudo isso acontece para que os latifundiários possam explorar cada vez mais os camponeses, garantindo para si lucros cada vez maiores, com «mão-de-obra» barata à sua disposição. As leis atuais em tudo favorecem os latifundiários e grandes fazendeiros. Justiça é somente para a classe dominante, a serviço dos exploradores contra os explorados, burocrática e cara, com a qual os camponeses nunca podem contar.

Dentro das transformações que o projeto apresenta, diz o ponto 15: «Justiça rápida e gratuita com juizes e tribunais eleitos pelo povo». É o ponto que, levado à prática pelo futuro Governo Democrático de Libertação Nacional, determinará, pela primeira vez na história do nosso povo, uma justiça honesta a serviço da maioria absoluta de nosso povo.

Mas, para que esta transformação se efetue, e todas as outras transformações possam ocorrer, é necessária a substituição do atual governo de Vargas, governo de guerra e traição nacional.

Que todos nós, patriotas, em nossa ação diária, lemos e discutamos o projeto de Programa do P.C.B., ajudando a forjar, quanto antes, a aliança operário-camponesa que será a base da Frente Única anticolonialista e antifeudal. Libertará o Brasil da política de guerra e fome executada, por Vargas ou qualquer substituto seu, dentro do atual quadro social e político.

Que todos os patriotas, em frente única com os comunistas, contribuam com a parcela de seus esforços para que, atendendo ao chamado de Prestes, no mais breve prazo possível, a aliança operário-camponesa seja uma realidade objetiva.

O NOVO GOVERNO NÃO DEVE TOLERAR COMÉRCIO DE TERRAS PELAS EMPRESAS AÇAMBARCADORAS

ATENDENDO ao desejo transmitido por VOZ OPERÁRIA, no sentido de opinar a respeito do grande documento do P. C. B. que é o projeto do Programa, resolvi dirigir-me por intermédio deste imprescindível jornal do proletariado, que é VOZ OPERÁRIA, aos ilustres brasileiros e insignes dirigentes do glorioso P. C. B., os meus aplausos, bem como opinião que penso possa contribuir no sentido de apressar a marcha dos acontecimentos.

O projeto de Programa é um documento histórico de alto valor revolucionário, porque atende aos interesses de nosso povo, apontando o caminho que o mesmo deverá percorrer, para atingir a sua libertação econômica, através do combate decisivo à tentativa de colonização de nossa Pátria pelo imperialismo norte-americano. Sem dúvida, o projeto de Programa, lançado pelo ilustre brasileiro Luiz Carlos Prestes, se ajusta à mais viva realidade material de nosso povo. De modo preciso caracteriza o imperialismo norte-americano como causador da profunda miséria em que vivemos, imperialismo esse, que tem o apoio deste governo de traição nacional de Vargas que entrega aos trustes devoradores norte-americanos as grandes riquezas criadas pelo povo brasileiro, deixando o mesmo, na extrema miséria dentro desse país rico como é o nosso. Inegavelmente o caminho a seguir é o indicado pelo grande documento — o caminho revolucionário — por um governo de Libertação Nacional, apoiado na mais ampla frente única de todos aqueles que, patrioticamente, querem transformar nossa nação numa nação rica, feliz e soberana.

No que diz respeito, no entanto, à habitação para o povo, acho que o artigo 19 deve-se ajustar ao 37, 41 e 42, levando em consideração as aspirações reais de imensa maioria de nosso povo que anseia pela obtenção da casa própria.

Na minha opinião o novo governo democrático de libertação nacional não deve tolerar comércio como é o comércio de terras pelas empresas açambarcadoras, ditas imobiliárias, que impõem ao povo sem distinção: operários, funcionários civis e militares, uma verdadeira escravidão através da venda de lotes a prestação, por preços verdadeiramente criminosos. Por isso, penso que essas empresas não devem receber do novo governo tratamento benevolente, não só porque pela sua forma de existência, é anti-revolucionária,

como influência que exerce sobre uma grande massa no sentido de afastá-la da luta, acenando-lhe com a casa própria, o que exerce sobre a consciência da massa um poder obscurantista. Por isso, é justo olhar a casa própria como elemento de alto valor tático que deve ser levado em boa conta.

O ajuste do art. 19 ao 37, 41 e 42 significa confiscar as terras adjacentes aos grandes centros, cedê-las gratuitamente aos pretendentes à casa própria, reconhecer direito de posse ao povo trabalhador de terras ocupadas para moradia. Art. 41 — anulação das dívidas do povo

trabalhador civil e militar para com as empresas imobiliárias que tenha sido criada através de compras de lotes à prestação. Art. 42 — concessão de crédito barato e a longo prazo aos pretendentes da casa própria.

O órgão intermediário entre o pretendente e o Estado deverá ser as entidades da classe, sobretudo os sindicatos.

Acho de grande interesse para o povo um esclarecimento de tudo o que se refere à casa própria.

Como o novo governo resolverá este problema?

a) — SOCRATES MOREIRA — Goiânia

FAÇAMOS DO PROGRAMA A NOSSA BANDEIRA DE LUTA

Desejando colaborar para melhor divulgação do projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil, escrevi umas o'que achei de maior importância embora todo o Programa constitua uma importante análise das necessidades do povo brasileiro.

O PROGRAMA GUIA DO POVO

O Programa do PCB é baseado na análise científica, iluminada pela luz do marxismo-leninismo. Agora temos um Programa, portanto, avanço para a luta.

Forjado da realidade brasileira é o Programa um símbolo de igualdade de direitos. Abordando a situação brasileira o Programa coloca de maneira clara a posição do governo que entrega o país ao domínio dos Estados Unidos.

Em quem se apoiam os trustes estrangeiros? Apoiam-se nos grandes capitalistas e grandes latifundiários nacionais que constituem o governo de traição nacional de Vargas e sua camarilha.

Não somos nós comunistas, apenas, que temos o dever de estudar e analisar o Programa, mas, todos os cidadãos honestos, sejam operários ou camponeses. O conteúdo do Programa é um fiel reflexo do que será o governo e o regime democrático popular. Todos os brasileiros precisam conhecer este Programa: homens e mulheres, jovens e velhos.

Todos devem conhecer o Programa, principalmente as mulheres, que hoje neste regime são privadas de todos os direitos, tanto sociais como jurídicos. A mulher precisa ser emancipada e independente, precisa gozar dos mesmos direitos que os homens. A mulher no lar não deve ser oprimida; tem de gozar do direito de ter um ideal próprio. A política não só interessa ao homem mas também à mulher. Esta igualdade de direitos é oferecida pelo Programa. A infância e grande parte de nossa juventude e mesmo as pessoas idosas não sabem ler e, neste regime, é impossível acabar com o analfabetismo, isto porque o poder aquisitivo do povo é baixo, não podendo a classe operária pagar escolas e comprar livros e materiais de estudo. Além de tudo não há escolas rurais, o que dificulta ao trabalhador do campo aprender a ler.

O curso secundário é impossível para o operário. Mesmo os cursos noturnos só podem frequentá-los os filhos dos ricos. Por que? Não só por não ter dinheiro mas, porque a maioria das fábricas trabalham também à noite. Desta forma é impossível o estudo aos operários. Para terminar com o analfabetismo, será necessário a instalação de escolas rurais com ensino primário gratuito e obrigatório. Isto constitui um dos pontos do Programa que também se refere à juventude no que diz respeito à educação física, aos esportes. Isto significa a instalação de campos de esporte, ginásios, pistas, estádios populares, etc., tudo construído pelo Estado.

O Programa oferece tudo isto, mas diz também que tudo será conseguido com luta. Significa que é necessário a união de todas as classes e camadas do povo em torno do proletariado e dos camponeses. E para conseguir esta união é necessário que nós comunistas e todos os operários divulguemos este Programa. Como divulgá-lo? Lendo e debatendo o Programa com os companheiros de trabalho, criando círculos de estudos nas fábricas, usinas e fazendas.

Façamos do Programa a nossa bandeira de luta, para conquistar uma união de todos os trabalhadores, para derrubar o governo de traição nacional e o regime que ele representa.

Tudo pela união dos operários e camponeses!

Tudo pela libertação nacional!

Tudo por um governo do povo pelo povo!

Salve o projeto de Programa do PCB!

Salve o PCB, vanguarda esclarecida da classe operária!

a) — VALERIO SILVA — Taubaté

CERTÍSSIMO: CONCENTRAR TUDO CONTRA OS IANQUES

LENDO assiduamente «Notícias de Hoje» e VOZ OPERÁRIA notamos que uma das questões do projeto de Programa do P.C.B. que mais tem sido debatida é a que se refere à concentração do fogo somente no imperialismo americano. A esse respeito também quero dar a minha opinião. O Projeto de Programa do P.C.B. é leninismo vivo, porque é fruto da análise marxista-leninista da realidade brasileira.

Vejam, quanto à confiscação das empresas, do imperialismo yanque. Está cer-

tíssimo! Representa um avanço em relação ao Manifesto de Agosto que colocava em pé de igualdade todos os imperialismos. Isto porque, o imperialismo americano, além de ser o principal inimigo do Brasil, tem o domínio político e econômico sobre o Brasil, é também o inimigo número um de toda a humanidade e de todos os povos que lutam por sua libertação. Então, o projeto não desliga a luta de nosso povo pela sua libertação de luta dos outros povos pelo mesmo fim. O Programa do Partido é internacionalista.

O projeto de Programa leva em consideração a tese stalinista da luta por mercados entre os países imperialistas. Ao mesmo tempo que os antagoniza, que os separa ainda mais, concentrando o fogo da luta no imperialismo yanque, também até certo ponto, neutraliza os outros imperialismos que atuam no Brasil. O imperialismo inglês, francês, etc., ao poderem continuar no Brasil, obedecendo as leis do governo democrático de libertação nacional, sonharão com a possibilidade de passarem eles, amanhã, a tomar conta do Brasil.

O projeto de Programa do nosso Partido deve ser aprovado pelo IV Congresso. E nós como indica o camarada Prestes, devemos estudá-lo e pô-lo em prática assimilado mais e mais. Quanto mais o dominarmos, maior será a nossa confiança na vitória. Esse documento feito por gênios do pensamento humano, é o mais importante que a História do Brasil registra. — Q. Draette. — S. Carlos — E. de S. Paulo.

O Povo de Uberlândia Debate o Programa

UBERLÂNDIA — (Do correspondente) — Atendendo o convite de uma comissão do Bairro da Fátima e Vila Oswaldo, o vereador popular Alcides Helou esteve em meados de fevereiro em contacto com os moradores dos referidos bairros, debatendo com eles o projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil em ligação com suas reivindicações. Juntamente com uma comissão organizada ali o vereador participou de um comando em que foram vendidos ao povo jornais populares que publicaram o Projeto de Programa do P.C.B. Somente depois de debater os pontos principais do Programa com os moradores procurados de casa em casa, é que o comando se afastava.

Todos os moradores das Avenidas Engenheiro Diniz, Araguari e Sacramento, reclamam iluminação para as vilas públicas do bairro. Nesse sentido foi organizado para ser encaminhado ao Legislativo desta cidade, solicitando ao governo municipal que providencie junto à Cia. Prada de Eletricidade a imediata iluminação daquelas vias públicas, que são totalmente habitadas. Esse abaixo-assinado será motivo para a apresentação de um requerimento do vereador Alcides Helou em apoio àquela reivindicação popular. Posteriormente serão realizados novos debates com os moradores daquelas vias públicas.

O comando, em contacto com a população e discutindo seus problemas tomou conhecimento de fatos clamorosos, como o do jardineiro João de Freitas que tendo requerido abono familiar por ser pai de 10 filhos, espera ser atendido há mais de um ano. Assim, o comando teve a experiência de que ao apresentar o Programa do PCB ao povo é possível ligá-lo sempre tanto às reivindicações gerais como aos problemas de cada um em particular.

Ao fim do comando constatou-se que foram distribuídos 102 exemplares do Programa do Partido Comunista do Brasil, tanto de casa em casa como nas aglomerações que se fizeram algumas vezes em torno do comando.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Sobre a Aprovação do Programa do PCB Pelo IV Congresso do Partido

PERGUNTA — No Informe ao Pleno do Comitê Central do P.C.B., Luiz Carlos Prestes diz que o Programa será submetido ao IV Congresso do Partido para sua aprovação definitiva. Mais adiante, diz Prestes que o Programa será adotado pela Frente Democrática de Libertação Nacional.

Pergunta como poderão as diversas forças políticas que participem da frente única homologar um Programa que depende da aprovação de um Congresso do qual não participaram?

(Laje, do Distrito Federal).

RESPOSTA — A transformação do atual projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil em Programa do Partido depende de sua aprovação pelo IV Congresso do P.C.B. Esta exigência está expressamente formulada no artigo 22, alínea b, dos Estatutos do Partido. Na resolução do Comitê Central sobre a convocação do Congresso se esclarece que «a convocação e realização do IV Congresso é agora inadiável diante da necessidade imediata de aprovação do Programa do Partido e das modificações nos Estatutos do Partido, bem como de proceder à eleição dos órgãos centrais do Partido». E na ordem-do-dia estabelecida para o Congresso figura como segundo ponto o informe «Sobre o Programa do P.C.B.».

A necessidade de aprovação do Programa pelo Congresso do Partido decorre do caráter profundamente democrático do Partido Comunista. No P.C.B., inversamente ao que se verifica nos demais partidos políticos, a orientação seguida pelos seus membros não é imposta pelos órgãos dirigentes. Ao contrário, resulta de amplas discussões em todo o Partido, da livre troca de opiniões, da crítica e da auto-crítica exercida de

cima-a-baixo. No documento que dirigiu às organizações do Partido a propósito da realização do IV Congresso, Prestes observa que «o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil nos impõe o dever de desenvolver um amplo debate do projeto de Programa e do projeto de Estatutos, assim como da própria atividade do Partido, especialmente nos últimos anos, iniciando esse trabalho a partir das organizações de base». E insiste com especial ênfase o secretário-geral do P.C.B.: — «Todos os membros do Partido devem ser incorporados a esse debate, assegurando-se aos mesmos completa liberdade de crítica». Assim, o Programa do Partido, ao ser aprovado, será o resultado das discussões e da luta de opiniões em todo o Partido, refletindo portanto o pensamento e a vontade do conjunto dos organismos e militantes.

Uma vez aprovado pelo Congresso, o atual projeto de Programa se converterá, finalmente, em Programa do Partido, constituindo a orientação política obrigatória para todos os membros do P.C.B. Assimilar o Programa e lutar pela sua realização é a primeira tarefa dos militantes comunistas.

põem ao progresso da nação atingem não só à classe operária, mas também aos camponeses e à pequena burguesia urbana, violentamente oprimidas e exploradas. Tal situação prejudica ainda a burguesia nacional, os pequenos e médios comerciantes e industriais não comprometidos com os monopólios dos Estados Unidos, e até mesmo alguns setores da grande indústria e de fazendeiros, lesados pelo domínio lanque em nosso comércio exterior.

A realidade brasileira mostra, portanto, que na luta para atingir os seus objetivos fundamentais na presente etapa, a classe operária tem condições para aglutinar numa ampla frente única a imensa maioria da população. Por outro lado, essa unificação das vastas massas é indispensável, pois só através dela se acumularão as forças necessárias para uma luta libertadora realmente vitoriosa.

Objetivos que interessam a todo o povo

Mas o fato do Programa determinar a orientação política para a vanguarda da classe operária não significa, entretanto, que ele diga respeito apenas aos comunistas. O que é o Programa do P.C.B.? Em seu informe ao Comitê Central do Partido, Prestes o define como «a exposição resumida dos fins e tarefas de luta da classe operária em nosso país». Ora, os fins da classe operária brasileira, na presente etapa, não interessam exclusivamente ao proletariado, não são fins de natureza socialista. Os fins que a classe operária tem em vista alcançar são, fundamentalmente, a libertação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano, a extinção dos latifúndios e dos restos feudais e a realização das transformações democráticas e progressistas que assegurarão a independência e o progresso do país e uma vida de liberdade e bem-estar para o povo. Trata-se, portanto, de fins ou objetivos democráticos, que interessam não só ao proletariado, mas também a outras classes e camadas da sociedade que, reunidas, formam a esmagadora maioria da população brasileira.

Isto acontece porque o Brasil é um país semi-colonial e semi-feudal, estando hoje sob a ameaça de ser transformado por completo em colônia dos Estados Unidos. A dominação de nossa terra pelos monopólios americanos, bem como os entraves que as sobrevivências feudais no campo ante-

de frente única. Por isso Prestes afirma que o Programa «pode e deve ser transformado, pelos comunistas, de Programa do Partido em verdade-

deiro programa do povo brasileiro, de todas as forças capazes de lutar pela independência e pelo progresso da nação brasileira.»

Sobre o apoio de forças políticas

Para o Programa pode e deve, portanto, ser conquistado o apoio inclusive de forças políticas independentes em relação ao P.C.B. Isto não quer dizer, no entanto, que essas forças políticas que venham a participar da frente única sejam obrigadas a transformar o Programa do P.C.B. em seu próprio programa. Como já foi esclarecido, o Programa do Partido Comunista é um documento que contém a análise científica, marxista-leninista, da realidade brasileira. Essa análise reflete, por conseguinte, os pontos de vista independentes, de classe, do proletariado, só podendo ser feita, por isso mesmo, pelo Partido Comunista. Assim, o Programa do P.C.B. não pode se confundir com outros programas, de quaisquer outras forças políticas. Mas pelo fato de não ter a classe operária, nesta etapa, objetivos socialistas, as conclusões a que chega o Programa e as medidas nele indicadas correspondem aos anseios das grandes massas e interessam vitalmente à esmagadora maioria da população. Existe, assim, um vasto terreno comum, permitindo a aliança de diferentes forças da sociedade brasileira que, no campo político, podem ter, entretanto, opiniões distintas. Seria um erro de funestas consequências, portanto, exigir de todas essas forças o seu apoio completo e formal ao Programa do P.C.B. como uma condição prévia para a sua aceitação na frente única. O que cabe fazer às forças que vierem a compor a frente única é se congregarem à base da luta pelos objetivos fixados no Programa. Seria falso exigir de tais forças que elas renunciem a seus próprios programas. Não pode haver contradições antagônicas entre a

luta pelas medidas indicadas no Programa do P.C.B. e os programas próprios das forças políticas aderentes à frente única, desde que naturalmente não se trate de programas antinacionais e anti-democráticos.

Não se refere o informe de Prestes, nem qualquer outro documento da direção do Partido, a «homologação» do Programa. Do mesmo modo, não existe no informe de Prestes, como erradamente afirma o leitor, a afirmação de que «o Programa será adotado pela Frente Democrática de Libertação Nacional». Quanto a essa questão, o que diz o Programa é que os comunistas exigirão que o governo democrático de libertação nacional, surgido da luta libertadora de nosso povo, realize e consagre em lei as transformações democráticas e progressistas estipuladas no Programa. Quer dizer: os comunistas lutarão pelo Programa que o Partido apresentou ao país, procurando ganhar para ele o apoio ativo da maioria da população brasileira.

Contudo, o que devemos ter em vista, no atual momento, é a necessidade de trabalhar cada vez mais tenazmente pela mais rápida vitória do Programa do P.C.B. O Programa é a grande arma que o Partido coloca em nossas mãos para unirmos os patriotas e democratas, todo o povo brasileiro, na luta comum contra o governo de Vargas, que entrega o país à voracidade dos imperialistas americanos e mantém os restos feudais no campo, submetendo o Brasil a um atraso cada dia maior e o nosso povo a vegetar na pior miséria. Unir as grandes massas para a luta e a vitória, é o nosso supremo dever.

A JUSTIÇA NO REGIME DEMOCRÁTICO POPULAR

PERGUNTA — Que importância têm e como se processarão, no futuro regime, as eleições para os juizes e tribunais?

(Homero Brasil Nepomuceno e Jorge Nepomuceno Duarte Rio Bonito)

RESPOSTA — A instauração do governo democrático de libertação nacional trará profundas modificações no sistema judicial existente em nosso país. Essas modificações terão em vista, antes de tudo, democratizar o poder judiciário, aproximá-lo do povo e assegurar às massas uma justiça efetiva, rápida e gratuita. Um dos meios pelos quais será atingido esse objetivo é a eleição, pelo povo, dos juizes e tribunais, conforme preceitua, no ponto 15, o Programa do P.C.B.

No regime democrático popular o poder judiciário será muito diferente do que é hoje. Atualmente a Justiça não passa de um instrumento de opressão contra o nosso povo, do mesmo modo que o são as forças armadas e a polícia. Os tribunais e os juizes são nomeados pelo governo, sem haver qualquer participação do povo em sua escolha. Esses tribunais e esses juizes não fazem senão defender os in-

teresses da minoria que explora e oprime as grandes massas. Eles existem para defender a propriedade dos imperialistas, dos latifundiários e dos grandes capitalistas, para manter a exploração de que são vítimas os trabalhadores e o povo, para condenar a longos anos de prisão os que lutam pela soberania da pátria, pela conquista de seus direitos e contra o atual regime de exploração e opressão. Esses mesmos juizes e tribunais que perseguem os trabalhadores e os sinceros patriotas, apoiam servilmente o governo de Vargas quando este rasga a Constituição, protege negociatas, assassina cidadãos democratas ou assalta os jornais do povo. Todos os fatos mostram, enfim, que no atual regime a Justiça tem por missão a defesa dos interesses das classes dominantes.

O caráter de classe dessa Justiça revela-se ainda no processo complicado e custoso de seu funcionamento, tornando-a praticamente inacessível às massas populares. De-

um modo geral, só os ricos têm condições de pagar as custas, os selos, os documentos, os honorários de advogados, etc., que decorrem de qualquer demanda judicial. Além disso, o processo judiciário no atual regime faz da

Justiça uma série de formalidades de tal modo complicadas que só se pode recorrer ao judiciário por intermédio de uma minoria de profissionais, conhecedores das chicanas dos códigos e dos segredos de cartório.

Justiça ligada ao povo

No regime democrático popular desaparecerão por completo as características reacionárias que tem a Justiça no regime atual. Em lugar de uma Justiça anti-democrática, contra o povo, e que só existe para os ricos, surgirá um novo poder judiciário, profundamente democrático, com raízes no povo, e que terá por missão administrar uma justiça verdadeira, rápida e gratuita.

Uma das características da Justiça no futuro regime é que os juizes e tribunais, ao contrário do que acontece hoje, estarão estreitamente ligados ao povo. Para que possa contar com um poder judiciário que defenda sempre os seus interesses, as massas precisam ter a certeza de que nos órgãos encarregados de distribuir a justiça encontram-se as pessoas realmente indicadas, dignas da confiança popular. E o meio mais seguro para conseguir-lo é, sem dúvida, a eleição pelo próprio povo dos juizes e tribunais de cada circunscrição. Eleitos pelo voto popular, os juizes

passarão a ser legítimos mandatários do povo. Nisto reside a importância da medida, de profunda significação democrática, estabelecida no ponto 15 do Programa do P.C.B.

O processo pelo qual se processarão essas eleições, será regulado em todos os seus aspectos na futura lei eleitoral, assim como na futura lei de organização judiciária. Embora levando-se em conta certas peculiaridades, o processo de eleição será, na essência, certamente o mesmo adotado para a escolha pelo povo de seus representantes no poder legislativo. Pode-se prever que também em relação aos juizes e tribunais será assegurado aos eleitores o direito de cassar o mandato daqueles que porventura venham a trair a confiança das massas. Quanto aos tribunais que terão jurisdição em todo o país, é provável que os seus membros sejam eleitos indiretamente, pelo Congresso Nacional, que nesse caso terá poderes também para destituí-los.

Justiça rápida e gratuita

Outra característica da Justiça no regime democrático popular será o seu funcionamento simples e rápido. Atualmente, a extrema complexidade do processo judiciário faz com que as questões levadas a juízo se arrastem interminavelmente, sobretudo quando estão em causa interesses populares. No futuro regime haverá uma radical simplificação do sistema judicial. As leis serão feitas de modo simples e claro, deixando de ser um jôgo de palavras complicadas como acontece atualmente. Não serão mais imprescindíveis as petições escritas e podera ser dispensada a presença de advogados para que se iniciem e marchem os processos em juízo. Bastará que a pessoa interessada se apresente ao juiz e expresse sua queixa, por escrito ou oralmente, na sua própria linguagem e do modo que lhe seja possível. A queixa será levada em conta e tratada de acordo com as normas legais.

A gratuidade da justiça será outra característica do sistema judicial no regime a ser

instaurado no país. Presentemente, só as pessoas de dinheiro podem recorrer à Justiça. As petições, os selos, as custas e os honorários de advogados — para não falar nas «comissões» extorquidas aos interessados — tornam a Justiça extraordinariamente cara. O governo das classes dominantes tenta mascarar essa realidade através de mistificações como a chamada «assistência judiciária» pela Ordem dos Advogados, visando enganar o povo. Mas aqueles que apelam para tais recursos vêem que as suas queixas são sistematicamente abandonadas e os seus interesses são sempre prejudicados. No futuro regime, serão eliminadas quaisquer despesas por parte das pessoas que procurarem a Justiça.

Todas essas questões, além de outras, serão solucionadas na futura lei de organização dos serviços judiciais. Na elaboração dessa lei, o Congresso Nacional levará em conta não só as sugestões de quaisquer pessoas interessadas, como também as experiências de outros países.

Experiências da China

Na China Popular, por exemplo, o sistema judicial inclui uma série de interessantes inovações. Uma delas é a criação dos «assessores populares», isto é, pessoas designadas pelas organizações populares de cada local para acompanharem na qualidade de assistentes, a marcha das questões ajuizadas. Se se trata de uma questão em que está envolvido um camponês, a organização local de camponeses designa um assessor; se o caso interessa a um comerciante, o assessor é designado pela Câmara de Comércio, e assim por diante. Outra inovação, que interessa sobretudo aos camponeses, é a que institui os juizes-viajan-

tes, que atendem aos litígios surgidos em suas comarcas, não tendo sede fixa, mas locomovendo-se permanentemente. Dêsse modo, não só as questões não implicam em maior perda de tempo ou em despesas de viagem pelas partes interessadas, como também pode o juiz entrar em contacto direto com a população da localidade, tornando-se mais fácil conhecer e examinar os fatos e, por conseguinte, julgar com mais segurança.

A Justiça no regime democrático popular será, enfim, uma «Justiça a serviço» do povo, de funcionamento simples, rápida e gratuita.

Convenção Pela Emancipação Nacional: A União Dos Brasileiros em Marcha!



Os generais Edgard Buxbaum e Felleissimo Cardoso, dois destacados promotores da Convenção pela Emancipação Nacional, durante o ato público do Centro do Petróleo realizado recentemente na ABI, em apoio ao conclave que se reunirá em princípios de abril.

ADERE A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

A entidade máxima dos universitários brasileiros, a União Nacional dos Estudantes, lançou, em fevereiro último, vibrante manifesto aderindo à Convenção pela Emancipação Nacional. Nesse documento os jovens universitários fazem uma análise objetiva da situação do país, mostrando como o descalabro geral se reflete na vida da juventude: «Os estudantes sentem o reflexo direto dessa terrível situação por que atravessa o país, e assim o têm manifestado através da imprensa, da praça pública e das tribunas de seus congressos. Suas condições de vida e de estudo são agravadas pela falta de laboratórios, pela ausência de restaurantes e casas de estudantes em número suficiente, pela inexistência absoluta de bolsas de estudo para os estudantes mais necessitados e ainda pelos entraves ao acesso à Universidade ou pela insegurança cada dia maior, ante o desemprego após a formatura. Ainda agora os li-

elaborar um programa de ação comum para a defesa dos interesses de nossa Pátria. O importante documento é assinado pela diretoria da UNE e representantes das Unões Estaduais e outras entidades dos universitários de vários Estados.

PARTICIPAM OPERÁRIOS, INDUSTRIAIS E PARLAMENTARES

Quando mais intensos se tornam os preparativos para a Convenção Pela Emancipação Nacional a instalar-se nos primeiros dias de abril próximo, a Comissão Organizadora está participando dos atos públicos realizados em todo o país, através de seus representantes. Ainda recentemente regressou do Rio Grande do Sul o general Edgard Buxbaum, depois de percorrer, partindo da Capital, as cidades de Santa Maria, Caxias, Pelotas, Rio Grande, Estelô e São Leopoldo. Alvo de expressivas homenagens, o ilustre militar participou de atos públicos nessas cidades, onde pôde constatar e profundo interesse existente nas várias camadas da população pelo debate de seus problemas e dos problemas da pátria na Convenção.

Cita-se por exemplo a iniciativa de vários dirigentes sindicais em Caxias, promovendo reuniões para o debate dos problemas do povo e do município com a participação de trabalhadores, industriais e do prefeito local. Nessa mesma cidade, durante a visita do general Edgard Buxbaum, o industrial E. Mosele, fabricante de vinhos, participou seu apoio à Convenção e a qual transmitirá seus pontos de vista através de um representante seu à Convenção Municipal.

Em São Leopoldo, durante um almoço promovido em homenagem ao representante da Comissão Organizadora Nacional, os signatários de um abaixo-assinado se constituíram em Comissão Patrocinadora da Convenção Municipal. Nesse documento, assinado por expressivas personalidades, líderes sindicais, políticos, industriais e comerciantes, encabeçados pelo industrial de calçados sr. Eduardo Steimer, diz-se o seguinte: «Compreendendo a precariedade da situação nacional sob diversos aspectos e que uma das maiores necessidades para o progresso e o bem-estar dos brasileiros é a nossa emancipação da tutela estrangeira, não só econômica, como politicamente, resolvem dar sua solidariedade a essa patriótica campanha».

Nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Estelô, as comissões municipais vêm aprofundando os debates em torno do tema da Convenção, encontrando grande receptividade em diversos setores e camadas sociais.

SOLIDARIEDADE A GUATEMALA

Em todos os atos públicos realizados em função da Convenção Pela Emancipação Nacional, assinala-se um profundo sentimento de oposição à política anti-nacional do governo de Vargas e à intolerável intromissão dos imperialistas e do governo dos Estados Unidos em nossos assuntos internos com o claro objetivo de completar a dominação de nossa pátria e transformá-la numa colônia.

Nesse sentido tem-se verificado a mais categórica oposição à política de Vargas expressa em Caracas pelos seus delegados que le conclave de colonização e de guerra. Esse sentimento, de que participam pessoas de todas as camadas sociais, se expressa pela calorosa solidariedade à Guatemala sobre quem pesa a ameaça de intervenção dos Estados Unidos, como ficou claramente definido na Conferência Interamericana de Caracas, inclusive pelas denúncias do chanceler guatemalteco Torriello.

A mesma repercussão obtiveram os discursos pronunciados há dias no ato público do Centro do Petróleo de apoio à Convenção realizado na ABI. A massa vibrou aplaudindo a solidariedade à Guatemala e a condenação à política pró-intervencionistas de Vargas. Quando o vereador Henrique Miranda disse que a «atitude de Torriello galvanizou toda a opinião pública latino-americana» e que se situação atual da Guatemala e as medidas progressistas adotadas pelo governo daquele país se devem ao fato de que o povo guatemalteco soube organizar-se numa frente única patriótica, todos os presentes se puseram de pé numa verdadeira ovacão.

Em Santa Maria, por exemplo, durante um ato público da Convenção, foi calorosamente aplaudida a iniciativa do envio de uma mensagem ao embaixador da Guatemala em nosso país, pedindo-lhe que transmita a solidariedade do povo ao governo daquele país, ao seu chanceler Torriello e ao povo guatemalteco, pela atitude que vêm tomando frente ao imperialismo norte-americano tornando-se um exemplo para os povos que anseiam pela liberdade de suas pátrias.

A mesma repercussão obtiveram os discursos pronunciados há dias no ato público do Centro do Petróleo de apoio à Convenção realizado na ABI. A massa vibrou aplaudindo a solidariedade à Guatemala e a condenação à política pró-intervencionistas de Vargas. Quando o vereador Henrique Miranda disse que a «atitude de Torriello galvanizou toda a opinião pública latino-americana» e que se situação atual da Guatemala e as medidas progressistas adotadas pelo governo daquele país se devem ao fato de que o povo guatemalteco soube organizar-se numa frente única patriótica, todos os presentes se puseram de pé numa verdadeira ovacão.

ENTRADA PROIBIDA...



... PARA BRASILEIROS. Ares monásticas, cujas jazidas vêm sendo saqueadas pelos trusts norte-americanos com a conivência do governo e da empresa Orquima, controlada pelos banqueiros, consomem riqueza estratégica de primeira grandeza. O clichê de uma repartição do Conselho Nacional de Pesquisas, na Ilha da Orquima, em Vitória, onde se trata das questões da mozanita a serviço dos trusts

GRANDE PARTICIPAÇÃO DOS SINDICATOS

Os sensíveis progressos assinalados nos trabalhos da Convenção na Bahia e outros estados, indicam as imensas possibilidades de êxito da patriótica iniciativa. Representando a Comissão Organizadora nacional estiveram recentemente em visita àquele estado a dra. Maria Augusta Birigí Miranda e o Engenheiro Ernesto Pouchain, participando de várias reuniões sindicais e de inauguração da Exposição de Riquezas Minerais da Bahia à qual compareceram pessoas de várias camadas da população inclusive parlamentares, líderes sindicais e líderes religiosos.

Em seu apoio à exposição dos sindicatos dos trabalhadores na indústria da energia elétrica, construção civil, do trigo, dos panificadores, empregados no comércio, os gráficos, os oficiais alfaiates, marítimos e os servidores públicos.

O líder da bancada do go-

vêrno da Bahia, deputado André Negreiros apoiou a Convenção e o deputado Reinaldo Sales, ao aderir ao conclave, anunciou que apresentará uma tese sobre o problema do sisal.

A exposição foi plenamente coroada de êxito, sendo postos em foco durante a solenidade de sua inauguração os mais prementes problemas com que se defronta o povo baiano em todas as suas camadas. Compareceram ilustres personalidades, destacando-se o deputado federal Tarcelo Vieira de Melo, os deputados estaduais Fernando Jacobá, Heráldo Guerra, André Negreiros, Moutinho Durado, João Nou e Carlos Anibal, os vereadores Carlos Mascarenhas, Manoel Alves da Silva e Wilson Falcão, presidentes dos sindicatos citados, o pastor protestante reverendo Eudaldo Vieira e mais dois outros pastores.

MULHER BRASILEIRA PARTICIPARÁ DA CONVENÇÃO

Grande importância é atribuída à participação das mulheres no grande conclave pela Emancipação Nacional. Desde a Conferência Nacional que se realizou em Porto Alegre em fins do ano passado, as mulheres brasileiras, através de suas organizações influenciaram os debates da Convenção na pauta de seus trabalhos. Há um profundo interesse entre elas pela discussão dos temas da Convenção, destacadamente aqueles que abrangem os problemas da mulher da vida das condi-

ções entre elas a sra. Elizabeth Lacerda que se referiu à tese que defenderá em nome da Associação das Donas de Casa de Santa Teresita, abordando o ponto n.º 11 do Tamarão da Convenção que dá respeito à creche, aos problemas de saúde e à proteção à infância. Compareceram à reunião delegados de cerca de uma dezena de bairros, e representantes da Comissão Organizadora da Convenção Pela Emancipação Nacional.

Allá para demonstrar o grande interesse das donas de casa pela Convenção basta citar o exemplo da favela da Praia do Pinto. Allí uma representante da Associação Feminina depois de dois contactos com as donas de casa, promoveu com elas uma reunião estruturada numa União Feminina a qual, em conferência, elegeu 11 delegadas que comparecerão à Convenção defendendo as reivindicações locais tais como água, iluminação escola e creche.

FRENTE ÚNICA DE MILHÕES DE BRASILEIROS PELA EMANCIPAÇÃO

Eis aí alguns aspectos atuais dos preparativos da Convenção Pela Emancipação Nacional. Dos debates há de sair o programa de ação comum dos patriotas brasileiros para solucionar os problemas nacionais. Milhões de brasileiros, desde a classe operária e o campesinato pobre, as camadas médias da cidade e do campo, que gemem sob o jugo dos latifundiários e grandes capitalistas e do imperialismo norte-americano imposto pelo governo de Vargas, até importantes setores da indústria, da agricultura e do comércio prejudicados pela política governamental, milhões de brasileiros anseiam por uma mudança na atual situação. Os debates da Convenção conduzidos no espírito da frente única, visam à elaboração do programa de luta de todas essas forças progressistas para a salvação da pátria da colonização americana e da ruína. Os êxitos alcançados até agora pelos preparativos da Convenção justificam as melhores esperanças pela concretização desse programa e pela organização das forças patrióticas para a luta pela emancipação nacional.

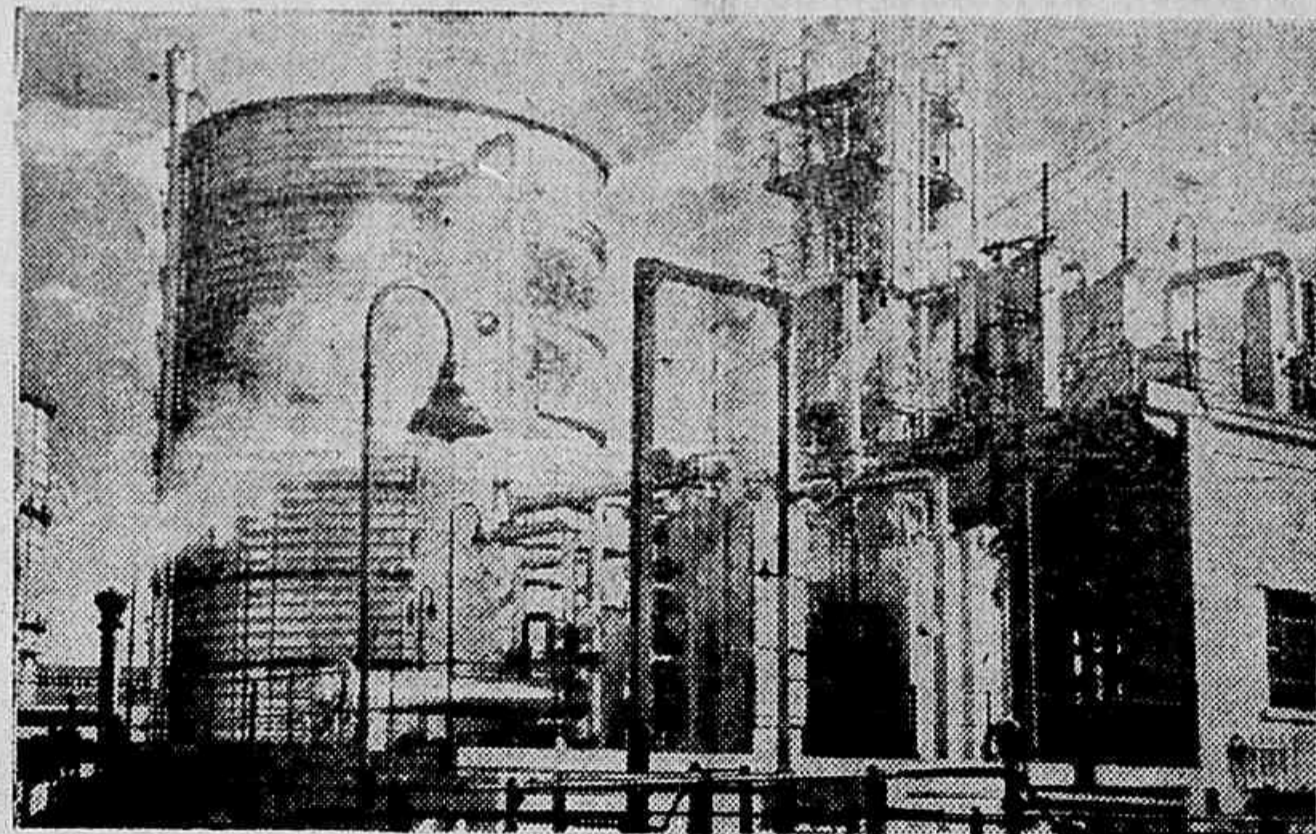
As crianças, maiores vítimas da miséria e da opressão impostas pelo governo de Vargas, terão um capítulo especial em que seus problemas serão tratados, na Convenção pela Emancipação Nacional. O grave problema da assistência à maternidade e à infância está diariamente estampado nas páginas dos jornais e revistas do país. O regime de exploração dos latifundiários e grandes capitalistas e, principalmente, dos monopólios norte-americanos, sustentado pelo atual governo, sujeita as crianças à tuberculose, às endemias e ao analfabetismo. Por isso, a luta pela emancipação nacional é também a luta pela salvação dos brasileiros de amanhã.



O APOIO DE PREFEITOS E CÂMARAS MUNICIPAIS

Em todos os principais centros do país onde as comissões se impregnam dessa ideia de frente única apoiando-se nas organizações operárias, em personalidades progressistas dos meios industriais comerciais e agrícolas, buscando inclusive o apoio dos prefeitos e Câmaras Municipais, abrindo o debate sobre os pro-

blemas locais e os grandes problemas da nação nestes lugares o êxito da Convenção tem sido assegurado. Mais próximos às camadas de milhões e milhões de brasileiros, os governos municipais sentem o agravamento das condições econômicas das massas e dos diversos setores da produção industrial e agrícola, bem como a situação dos transportes e da energia elétrica. Não por acaso, representantes de cerca de uma centena e meia de municípios paulistas reunidos em São Paulo, debateram o angustiante problema do racionamento da energia elétrica imposta pela Bond & Share e diante do Tema da Convenção pela Emancipação Nacional, decidiram apoiá-la. Ainda agora, também por unanimi-



Esta é a usina de benzol, em Volta Redonda, onde se produzem óleos leves, entre os quais o benzol, o toluol, o xilol, combustível para motores, etc. Toda a produção de Volta Redonda passa para o controle através dos empréstimos, pois os Estados Unidos, tradicionalmente, costumam fiscalizar diretamente as empresas por eles financiadas.

zaram atos da Convenção. Na Câmara de Barra Mansa, reuniu-se a Convenção Regional, com a participação de representantes dos municípios de Valença; Barra do Pirajá; Angra dos Reis, Rezende e Vassouras. Em São João de Meriti reuniram-se na Convenção, também no recinto da Câmara, os delegados de Caxias, Nova Iguaçu e Nilópolis.

Em princípios desta semana a Câmara Municipal de Recife manifestou seu apoio à Convenção designando uma delegação de vereadores integrada por um representante de cada bancada, entre os quais figura o sr. José Guimarães Sobrinho, presidente da Comissão Patrocinadora da Convenção Estadual de Pernambuco.

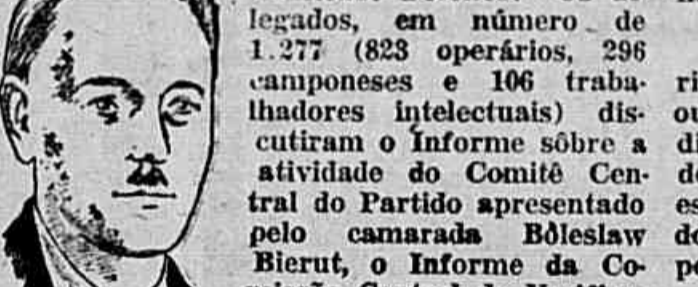
Em princípios desta semana a Câmara Municipal de Recife manifestou seu apoio à Convenção designando uma delegação de vereadores integrada por um representante de cada bancada, entre os quais figura o sr. José Guimarães Sobrinho, presidente da Comissão Patrocinadora da Convenção Estadual de Pernambuco.

Em princípios desta semana a Câmara Municipal de Recife manifestou seu apoio à Convenção designando uma delegação de vereadores integrada por um representante de cada bancada, entre os quais figura o sr. José Guimarães Sobrinho, presidente da Comissão Patrocinadora da Convenção Estadual de Pernambuco.

Vida Dos Partidos Comunistas

ENCERRADO O II CONGRESSO DO PARTIDO OPERÁRIO UNIFICADO POLONÊS

DE 12 a 17 do corrente teve lugar o II Congresso do Partido Operário Unificado Polonês. Os delegados, em número de 1.277 (823 operários, 296 camponeses e 106 trabalhadores intelectuais) discutiram o Informe sobre a atividade do Comitê Central do Partido apresentado pelo camarada Bolestaw Bierut, o Informe da Comissão Central de Verificação, bem como os Informes consagrados às principais tarefas dos dois últimos anos do Plano Sexenal e a adoção de medidas para elevar a produção agrícola, além de outros assuntos.



Numerosos Partidos Comunistas e Operários se fizeram representar no Congresso ou enviaram mensagens de saudações. O discurso de N. Khrushchev, presidente da delegação do P.C.U.S. foi recebido com estrondosa ovacão, bem como a mensagem do Comitê Central do P.C. da China, lida por Tseng Yung-Chuan.

As eleições dos organismos dirigentes foram realizadas a 17 de março, por voto secreto. Nesse mesmo dia foi encerrado o Congresso, com um discurso do Presidente Bierut, tendo todos os presentes antecido a «victória, além de outros assuntos».

MENSAGEM DO P.C.U.S. AO V CONGRESSO DO P.C. DA INDONÉSIA

INAUGUROUSE a 15 de março, em Djokjakarta, o V Congresso do Partido Comunista da Indonésia, ao qual participam, além dos delegados dos organismos do Partido, representantes de organizações sindicais e camponesas do país.

Na primeira sessão, os congressistas ouviram o Informe do Comitê Central, a cargo do camarada Aidit, Secretário-Geral do C.C. Seguiram-se as intervenções de outros membros de Biro Político, analisando a situação atual da Indonésia e as tarefas do Partido.

Diversos partidos irmãos enviaram mensagens de saudação ao Congresso, inclusive o P.C. da Holanda. Em sua saudação ao V Congresso do P.C. da Indonésia, diz o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética: «O Partido Comunista da Indonésia percorreu um árduo caminho de luta contra os invasores estrangeiros, mobilizando os operários, os camponeses e todas as forças progressistas da Indonésia no combate pela independência nacional de seu país, pelos interesses vitais das largas massas populares, pelo paz».

DENUNCIA O PARTIDO COMUNISTA DO PAQUISTÃO O AORDO MILITAR TURCO-PAQUISTÃO

EM declaração assinada por F. Mansur, que assumiu as funções de Secretário Geral do Partido, o Partido Comunista do Paquistão denunciou o pacto militar turco-paquistanês — diz a declaração — protesta contra o pacto militar paquistão-turco e contra a aliança militar paquistão-americana, porque tais manobras americanas não somente trazem o perigo de guerra a nossas portas como ameaçam nossa independência...

A declaração desmascara a alegação de que o pacto com a Turquia visa a consolidar o Oriente muçulmano. «Pode-se consolidar o mundo muçulmano por um acordo qualquer com a Turquia que vota sempre na O.N.U. com os imperialistas dos E.E.U.U., da Grã-Bretanha e da França contra o movimento de libertação nos países muçulmanos do Oriente Médio?».

Denunciando a política de subordinação aos E.E. UU., como uma política contrária à paz e à independência os países asiáticos, o P.C. do Paquistão conclama todos os partidos patrióticos, todos os patriotas a atentar para a ameaça mortal que pesa sobre a liberdade do país e a se unirem para rechegar as manobras nefastas dos inimigos tradicionais dos povos do Oriente.

VOZ DOS LEITORES

DE ONDE VEM E PARA ONDE LEVA
O "REARMAMENTO MORAL"?

Escreve o correspondente
da E. F. Santos a Jundial



ABSOLUTO DESPREZO DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA PELA VIDA DOS FERROVIÁRIOS

Escreve Joaquim Messias dos Santos

Os ferroviários da Sorocabana clamam por justiça e reivindicam melhor assistência. Abandonados e mergulhados na miséria com baixos salários, enfrentam a carestia da vida que aumenta dia a dia, mal podendo arcar com as despesas de aluguel e alimentação. O café e outros produtos já se tornaram para eles artigos de luxo.

No que se refere aos acidentes de trabalho, o desprezo da Administração é completo. Temos perdido centenas de companheiros acidentados em serviço, unicamente por falta de assistência.

Há pouco deu-se um acidente com o trabalhador José Gonçalves da Silva, de carteira n.º 45.318, da turma 31, entre Cardoso de Almeida e Paraguaçu Paulista. Em pleno trabalho, no dia 15 de fevereiro último, teve uma perna esmagada por um trilho que o colheu quando estava em serviço, quase lhe cortando a perna totalmente. O acidentado ficou aguardando um médico que viesse terminar o corte da perna. Finalmente, foi conduzido para o Hospital de Assis, ainda para os primeiros curativos e já então, corria perigo de vida. Nada fizeram e o enviaram para São Paulo, acompanhado de uma simples guia, en-

a todos os trabalhadores e o povo para se unirem em uma frente democrática de libertação nacional, a fim de instaurar no Brasil um governo que realmente satisfaça as necessidades de todos os trabalhadores. O ponto 35 do Projeto de Programa do PCB diz o seguinte:

«Assistência e previdência social por conta do Estado e dos capitalistas em todas as formas, incluindo os desempregados. Aposentadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentados no trabalho, de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e controle dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões pelos Sindicatos».

Lutarmos pela aplicação desse Programa e combater esse estado de coisas. E nós ferroviários, que temos todas as possibilidades de contatos com as mais diversas camadas da população, inclusive com os trabalhadores do campo, devemos fazer o possível para que o Projeto de Programa do PCB chegue às mãos de todos os cidadãos para que todos o conheçam e lutem por ele.

FRACASSOU EM NOVA LIMA A DEMAGOGIA DE JANGO

NOVA LIMA — (De um mineiro de Morro Velho) — Os mineiros de Morro Velho devem pensar como pensava William Dias Gomes — não se deixarem enganar nem escarvilar com a política dos grandes capitalistas que apoiam os americanos e exploram o povo brasileiro.

Como vimos, Jango Goulart esteve aqui em Nova Lima, como esteve no Nordeste fazendo demagogia, prometendo salário-mínimo e prometendo o Abono de Família para 1.º de Maio.

Depois a imprensa do país divulgou que houve pressão das forças armadas e dos capitalistas e que Jango foi exonerado porque estava desenvolvendo atividade extremista nos meios operários do país. Os jornais noticiavam que as forças armadas, o ministro Aranha e os capitalistas achavam impossível o salário-mínimo de 2.400 cruzeiros.

Todo trabalhador deve analisar bem esses fatos e compreender que não é possível acreditar nisso. O que Jango fez foi apenas um conchavo com Getúlio, o ministro Aranha, os elementos reacionários das Forças Armadas, e os grandes capitalistas. São esses os cabeças da sabotagem contra os interesses dos trabalhadores e do golpe eleitoral de Jango, que não assinou o salário-mínimo nem o abono de família. Quem fazer crer que se nós elegêssemos Jango teríamos o novo salário-mínimo e abono de família. Mas o que aconteceria é o contrário disso. Se Jango fosse eleito continuaria como antes, e pior ainda, a escravização e a cadeia para os que lutam, mais horas de trabalho e carestia provocada pelo governo com seu Plano Aranha. Com Jango, Getúlio e outros tubarões o povo não pode mais se enganar, pois eles são agentes dos grandes capitalistas e dos americanos que exploram o país por todas as formas.

Só há uma forma de salvar o povo da fome e da miséria. É a aplicação do Programa do P.C.B.

N. R. — O trabalhador de Morro Velho que nos escreve tem razão. Entretanto, cumpre assinalar que não

há por que exagerar o papel do demagogo Jango Goulart nos acontecimentos políticos. Trata-se de um reles servil de camarilha de Vargas, inteiramente identificado com a política anti-nacional e anti-popular dessa camarilha, que o utilizou e o utilizava para, com suas tiradas de "amigo dos trabalhadores", procurar confundir os operários. Assim sendo, o povo há de repelir quaisquer pretensões eleitorais de Jango, tal como repelirá os candidatos de Getúlio, organizando-se para eleger homens de sua confiança no próximo pleito.

STALIN, LIBERTADOR DOS POVOS

Escreve o estivador de Santos Francisco R. Garcez

O LEITOR Francisco R. Garcez, estivador em Santos escreve em homenagem à memória de Stalin pela passagem do 1.º aniversário de sua morte, um artigo de que transcrevemos os trechos mais importantes. Inicialmente, fala da imensa dívida que toda a humanidade tem para com Stalin; que, para muitos, parecia inacreditável que tantos milhões de seres devessem tanto a um só homem. Mas isto é uma realidade para as pessoas simples, para os trabalhadores, para as mulheres, para os jovens, para as crianças; Stalin foi bom para toda a humanidade. Mas há exceções. Stalin foi de aço, como aço é o significado de seu próprio nome. Stalin foi intrasigente para com os inimigos da humanidade, na derrota dos ferozes nazistas que tudo fizeram para torcer o rumo da humanidade, do socialismo, no sentido do fascismo. Para estes, Stalin foi implacável.

O leitor discorre em seguida sobre as monstruosidades praticadas pelos nazistas que invadiram a URSS, tudo destruindo e escreve: «Toda a humanidade estava em suspense; o mundo inteiro, numa ânsia incontida, numa terrível expectativa, temia que o mundo voltasse à escravidão, que o nazismo envolvesse o mundo inteiro; os povos permaneceriam escravos, todas as conquistas dos povos, por seus direitos, suas liberdades, viriam abaixo. As conquistas da vitoriosa revolução do proletariado russo, com toda sua marcha de progresso em busca do socialismo, viria abaixo; o nazismo destruiria tudo, os operários de todo o mundo perderiam a sua fortaleza, seria o retrocesso.»

«Mas, nem tudo estava perdido. Havia Stalin. No comando de todas as forças militares da União Soviética, estava Stalin, aquele homem de aço de cérebro luminoso; em suas mãos estava o destino do povo soviético e de toda a humanidade. Stalin com seu gênio militar, foi o cérebro do Exército Vermelho e, como sábio marxista-leninista, soube dirigir seu povo, que nas horas mais terríveis da invasão nazista, se voltava para ele, à espera da sua palavra de confiança. E Stalin surgia sempre, como um pai, a inspirar-lhes confiança. E o nazismo foi derrotado. O Exército Vermelho dirigido por Stalin, com sua gloriosa ofensiva, esmagou o monstro que ameaçava escravizar toda a humanidade. O nazismo foi derrotado, a fortaleza do proletariado mundial continua de pé firme invencível, graças a Stalin.»

Os dois líderes do Rearmamento Moral nas oficinas da Lapa, da Estrada de Ferro Santos-Jundial são uns «paus-mandados», o chefe Nemézio Bobillo e o aspirante a chefe Januário Martins. Apesar do apoio da Administração da estrada e da força que andam fazendo estes dois mais esforçados asseclas do chamado «rearmamento», a coisa não vai indo bem, conforme foi revelado a este correspondente por outros líderes desse movimento. Estes não estão contentes, pois dizem que Nemézio Bobillo tem achado mau o fato do «rearmamento» não arranjar adeptos entre a classe operária, acusando-os de não saber trabalhar. Mas o que acontece é o contrário, pois os operários não se conformam em ficar bonzinhos, como manda o «rearmamento», enquanto em casa falta tudo porque os ordenados são miseráveis, o feijão, o arroz, o aluguel, os transportes, estão pela hora da morte...

Um desses líderes do rearmamento disse mesmo que Nemézio Bobillo acha que os operários devem colaborar com os patrões. Mas é porque, para ele, as coisas vão indo muito bem. Apesar de ganhar um ordenado, é sabido e corre de boca em boca, que Nemézio Bobillo «se defende» com o material das oficinas, o qual sai pelos portões sem ninguém impedir. Ao mesmo tempo, Nemézio Bobillo manda revistar as pastas dos trabalhadores; saída e, se for encontrado um prego ou um parafuso enfiado, o trabalhador é posto na rua como ladrão.

Pelo que se vê entre os elementos do «rearmamento» está havendo divergên-

A CONFERÊNCIA CAMPONESA DE CAMPINA GRANDE

JOÃO PESSOA (Do correspondente) — A Conferência de camponeses pobres e assalariados agrícolas que se realizou na cidade de Campina Grande, foi um acontecimento de grande significação na história da classe operária e dos camponeses pobres e assalariados agrícolas daquela região. Foi o início da união dos homens do campo com os trabalhadores das cidades para libertar-se deste regime de fome e miséria que está asfixiando o povo brasileiro, principalmente a classe operária e os camponeses.

Este conclave, através de seus delegados, deu uma demonstração de como estão ansiosos os camponeses por possuírem seus hectares de terra para que possam trabalhar livremente e criar seus filhos na fartura. Demonstrou também a insatisfação contra esse governo que está contra a classe operária e os camponeses pois, com sua política de ajudar os imperialistas norte-americanos a manobrem com avida de nosso povo, demonstra que é um governo traidor da pátria.

NOTA DA REDAÇÃO — Pedimos ao correspondente que nos escreva comunicando as conclusões a que chegou a conferência citada, as denúncias concretas sobre como vivem os assalariados agrícolas e camponeses pobres, como são os contratos, quanto ganham, etc.

cias, porque muitos estão vendo que essa organização é feita para enganar e dividir os trabalhadores, para depois pisar-lhes o pescoço. No Alto da Serra (Santos), também, a administração da Estrada mandou dar um banquete por intermédio do «Rearmamento Moral», e que não surtiu efeito. Segundo nos informaram, o chefe Torres que foi encarregado de dar ordens para os trabalhadores comparecerem com toda a facilidade das chefias, não conseguiu agrupar muita gente e nem ele mesmo compareceu, pois. Os trabalhadores dizem a ele que não adianta banquetear-se um dia à custa dos patrões para depois passar fome o resto do tempo com a família em casa...

Os trabalhadores já sabem que o «rearmamento moral» é uma organização do imperialismo norte-americano, cujo objetivo é quebrar o ânimo de luta da classe operária dentro de seus organismos de classe. Na Santos-Jundial, por exemplo, como é que os trabalhadores vão ficar bonzinhos, se Renato Felô, diretor da Estrada, não quer pagar os dias de serviço que lhes roubou? Se não preenche as vagas existentes? Se obriga os ferroviários a trabalhar em cargo superior sem aumento de salário? E inventou promoções por concurso para explorar mais ainda os empregados velhos? E tantos outros direitos dos ferroviários que ele burla?

Além disso, os trabalhadores não precisam de «rearmamento moralmente». O que eles necessitam é casa para morar, ordenados de acordo com os preços dos gêneros e utilidades; precisam que seus direitos sejam respeitados e isso, só conseguirão armando-se com a unidade, organizando-se cada vez mais dentro de seus sindicatos e exigindo (porque pedindo a essa gente nada se arranja). Se eles não nos atendem, nem pedindo «por música», muito menos atenderão se se pedir «chorando... «Pelo futuro se conhece a árvore» — assim diz o ditado. E o tal «rearmamento», os trabalhadores sabem de onde ele vem e para onde quer levá-los.

Posta Restante

ZONA DO LITORAL PAULISTA — Recebemos boletim mimeografado de 19 páginas cujo título é «Reverência à Memória de Nosso Mestre, Guia e Pai, Stalin», contendo na capa um desenho de Stalin e na contracapa uma alegoria dedicada à aliança operário-camponesa.

GUARARAPES — Boletins da Associação Profissional dos Trabalhadores Agrícolas convocando uma assembléia anunciada para o dia 7 último. Aguardamos informações sobre a assembléia.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — Carta de Marcondes Augusto Pereira sobre a situação dos plantadores de arroz.

POMPEIA — Notícia sobre os preparativos da Convenção Pela Emancipação Nacional.

FERNANDÓPOLIS E SÃO JOÃO DAS DUAS PONTES — Listas de assinaturas pedindo a libertação do patriota capitão Agliberto Vieira de Azevedo.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA F. SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712
SUCURSAS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sael.
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60.00
Semestral	30.00
Trimestral	15.00
N. avulso	1.00
N. atrasado	1.50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

Batalha dos Trabalhadores E Das Massas Populares

A luta pelo salário-mínimo e o congelamento dos preços empolga os trabalhadores brasileiros. De norte a sul do país, apoiados pelas amplas massas populares, que sofrem as consequências da terrível carestia erguem-se os operários em manifestações memoráveis. Nesta Capital, quinze mil trabalhadores reunem-se na Esplanada, para reclamar a decretação imediata do salário-mínimo. Em Recife desfilará trinta mil manifestantes, com a mesma bandeira. Em Salvador milhares de operários, reunidos no Largo do Cruzeiro de São Francisco, incorporam-se ao grande movimento nacional. Sucodem-se as manifestações em São Paulo, Porto Alegre, na maioria, enfim, das grandes cidades brasileiras. A luta vai forjando a unidade de ação dos trabalhadores, atralndo aos sindicatos as novas camadas da classe operária, engrossando as fileiras do poderoso movimento que há de obrigar o governo de Vargas a decretar, imediatamente, o salário-mínimo e o congelamento de preços.

O Mínimo Para Viver

A nova tabela do salário mínimo foi elaborada por uma Comissão nomeada por Getúlio. O governo anti-operário foi obrigado a tomar essa medida diante dos grandes movimentos e lutas surgidos no país, particularmente da greve de trezentos mil trabalhadores paulistas, que abalou a ditadura getulista e alarmou o tirano do Catete, mostrando-lhe, na prática, que a classe operária não está disposta a deixar-se matar de fome e de exploração. A Comissão de Salário Mínimo, examinando o custo da vida, mesmo à base das estatísticas oficiais, evidentemente incompletas, elaborou a nova tabela Cr\$ 2.400,00 para o Distrito Federal, Cr\$ 2.300,00 para São Paulo, Cr\$ 1.550,00 para Salvador etc.) levando em conta o custo da vida em junho de 1953. Foi, portanto, a própria comissão governista, obrigada a reconhecer que os trabalhadores não podiam con-

tinuar sobrevivendo com os salários que ganham, reconhecendo a necessidade de um imediato aumento de 100% no atual salário mínimo de fome.

Cai a Máscara do Tirano

Vigorosas lutas tiveram início no país. Os trabalhadores, com o apoio do povo, reclamavam a imediata decretação do salário mínimo e o congelamento dos preços de junho de 1953, uma vez que, sem o congelamento, a elevação dos preços anulava o aumento do salário. Tornou-se claro que Getúlio e Jango nunca pensaram em elevar o salário mínimo, pretendendo, apenas, ludir a classe operária. O fato é que, enquanto Jango desbarbava na mais desenfreada demagogia, o governo intensificava a concessão de aumentos de preços, unicamente interessado em elevar os lucros dos patrões à custa da

crescente fome do povo e de aumentar a exploração dos trabalhadores. Os operários compreendem, cada vez mais claramente, que esperar por Getúlio é conformar-se em não ter o salário mínimo. Reagem contra as manobras divisionistas e demagógicas do Ministério do Trabalho, reforçando sua unidade de ação. Formam-se e consolidam-se as Comissões Intersindicais, que coordenam a luta de todos os sindicatos, como acontece no Rio, São Paulo, Salvador, etc. Enquanto a luta pelo salário mínimo e o congelamento reunia, na Esplanada milhares de operários, Jango não conseguiu, mais tarde, reunir, ali, senão pelegos e tiras, porque os operários repudiavam a tentativa janguista de fazer política partidária, envolvendo os trabalhadores nas manobras eleitorais do estancieiro do Ministério do Trabalho. A tentativa ministerialista de fracionar a União Sindical de São Paulo igualmente fracassou, ficando irremediavelmente isolados os poucos pelegos que serviram de instrumento nessa empreitada do policial Hugo de Farias, substituto de Jango no Ministério do Trabalho. Tornou-se claro que Getúlio faz o jogo dos tubarões, contra o salário mínimo e o congelamento dos preços.

Reforçar a Luta

Diante de tudo isso os trabalhadores brasileiros reforçam sua unidade de ação e



Tecelões paulistas deixam a sede do Sindicato e dirigem-se, em passeata, para a grande concentração no Largo do Arouche, pelo salário-mínimo e o congelamento dos preços

sua luta, pela imediata decretação do salário mínimo e congelamento dos preços de junho de 1953. Nessa batalha já participam, também, os trabalhadores agrícolas que, ainda agora, em Itabuna, coração da zona caucueira da Bahia, realizaram grandiosa demonstração por esse objetivo. O comício do dia 17, no Largo do Arouche, em São Paulo, representou um marco nessa luta, que marcha, agora, para novos e maiores embates, com a participação do proletariado e das massas populares de todo o país. Na capital da República já circula o memorial-monstro, o qual deverá colher as assinaturas dos operários, comerciantes, das organizações populares, de todo o povo, enfim, exigindo a imediata decretação do salário mínimo e do congelamento dos preços. Os trabalhadores exigem a reunião do Conselho Deliberativo da Comissão Intersindical do Distrito Federal, a fim de tomar providências necessárias ao prosseguimento da luta. Em todo o país a batalha pelo salário mínimo e o congelamento dos

preços mobiliza os vastos setores da classe operária e do povo.

Luta Das Grandes Massas

Que revela a experiência das grandes manifestações de São Paulo? Revela que a luta dos trabalhadores pelo salário mínimo e o congelamento dos preços é uma luta de todo povo. A decretação do salário mínimo, se não for imediata e se não vier acompanhada do congelamento dos preços, será praticamente anulada pela crescente carestia. E está claro que a carestia é um problema não somente dos operários mas, também, das grandes massas populares. Estas apolaram, calorosamente, a manifestação do dia 17, em São

Paulo, e esta é uma das primeiras razões do êxito dessas manifestações, este é um exemplo prático de como se podem unir os interesses e a luta dos operários e do povo. A atual batalha pelo salário mínimo e o congelamento dos preços só poderá ser plenamente vitoriosa se for travada pelas operárias e as vastas massas populares. Por isso que os memoriais devem ser assinados não somente pelos sindicatos e pelos trabalhadores, mas, também, pelas organizações populares, pelo povo, enfim. Para ser plenamente vitoriosa, a atual batalha pelo salário mínimo e o congelamento dos preços terá que transformar-se em um vigoroso movimento popular dirigido pela classe operária. Aí está a chave da vitória.

É um dever dos operários de vanguarda, dos comunistas, lutar ativamente pelo reforçamento da unidade de ação dos trabalhadores, pelo reforçamento do movimento sindical em seu conjunto e de cada sindicato em particular, pelo reforçamento das comissões intersindicais unitárias. É um dever dos comunistas lutar ativamente para incorporar as grandes massas do povo e suas organizações a essa grande batalha dos trabalhadores e das amplas massas populares brasileiras, pela decretação imediata do salário mínimo e do congelamento dos preços de junho de 1953.

GATO PRETO EM... CAMPO DE DÓLARES

Alguns intelectuais sem princípios, depois de cavarem cruzelros durante longos anos, conseguem, enfim, o sonho dourado de suas tristes vidas que é embolsar dólares, moeda forte, pelo menos mais forte do que as convicções democráticas que fingiram ter, em certa época, esses cidadãos. Nesse caso está Erico Veríssimo, alto figurão da «União Panamericana», mantida pelos Estados Unidos.

Depois de alguns romances que obtiveram êxito porque tinham certo cunho antifascista, Erico cedeu à paixão do dinheiro e, para buscá-lo esforçou-se à porfia. Partiu para os Estados Unidos, onde, a princípio, sentiu-se «gato preto em campo de neve», o que evidentemente não acontece hoje em dia, quando está perfeitamente à vontade, no seu cargo oficial que ainda lhe dá, por sinal, tempo para certas elocubrações literárias. Sim, porque Erico não deixou de escrever grossos romances «históricos», onde procura desfigurar os movimentos populares.

Com tantos títulos oficiais e literários, ele não podia faltar a Caracas. E é lógico que não causam a menor surpresa suas entrevistas para quem conhece, por exemplo, sua posição diante da ameaça de guerra atômica. Erico Veríssimo gostou entre outras coisas das «resoluções culturais», como a

«Carta Cultural de Caracas», destinadas a enquadrar nossa cultura e educação nos moldes de Mc Carthy. Aplaudiu, também, o «combate ao analfabetismo», embora tenha esquecido de dizer que sobre esse assunto e congêneres já foram votadas cerca de 4.000 resoluções desde a primeira conferência interamericana, sem que por isso o analfabetismo recue coisa alguma.

Mas Erico não gostou da «resolução anticomunista», pois, segundo o chavão empregado, o «totalitarismo de esquerda é tão repulsivo como o de direita» e devia também ser objeto de resolução. Com essa frase feita, o «democrata» Erico pretende fazer passar por democrática, mas insuficiente, a medida fascista que se votou em Caracas. Crítica para ajudar.

O pensamento dos escritores brasileiros nada tem de comum com o de Erico Veríssimo que fala como um porta-voz ianque. Ao contrário dele, os intelectuais patriotas deram uma poderosa demonstração em defesa de nossos interesses no Congresso de Goiânia, ao qual, por coincidência, não aderiu Erico Veríssimo.

O homem que já posou de «gato» e está escrevendo «Noites», ouvindo dizer que de noite todos os gatos são pardos, finge de democrata para inocular peçonha. Mas só os ingênuos ainda se iludem com isso.



Cerca de 50 mil operários e populares participaram do grande comício do Largo do Arouche, pela decretação imediata do salário-mínimo e o congelamento dos preços. Conquistando a praça pública, que o governo Getúlio-Garcês tentou negar-lhes, os trabalhadores e as massas populares demonstraram-se dispostos a lutar, até à vitória, pela conquista dessas duas reivindicações

Salário-Mínimo de Cr\$ 2.400,00 Bandeira Dos Têxteis Cariocas

ESTAMOS dispostos a lutar, até o fim, pelo salário-mínimo de Cr\$ 2.400,00 e pelo congelamento dos preços. Os industriais podem pagá-lo.

Essa declaração ouvimos de numerosos tecelões com os quais falamos, nas portas das fábricas, a respeito das lutas em que se empenham, por numerosas reivindicações, das quais o salário-mínimo é a primeira.

A luta dos têxteis está acesa e mobiliza trinta mil trabalhadores, distribuídos em dezenas de grandes fábricas, que reclamam melhores condições de trabalho e uma vida menos miserável.

Já agora, com a atividade da nova diretoria do sindicato, empossada após verdadeira batalha contra o Ministério do Trabalho, que tentava negar à chapa eleita o direito líquido de dirigir a organização dos trabalhadores, a campanha adquire novo impulso.

ASSINAM O MEMORIAL

No dia 13 realizou-se, no Sindicato, movimentada assembleia.

Após intensa propaganda nas portas das fábricas, centenas de tecelões dirigiram-se à sede do Sindicato, onde discutiram, animadamente, as medidas para a intensificação da campanha pela decretação imediata do salário-mínimo e congelamento dos preços, bem como pelas suas demais reivindicações. Já agora, com o fim de cumprir as indicações da assembleia, a diretoria do Sindicato faz circular, entre os operários, um Memorial-monstro, que deve conter as assinaturas não somente dos têxteis, mas de homens de povo, das organizações populares exigindo o salário-mínimo e o congelamento, imediatamente. Os trabalhadores estão dispostos a obrigar Getúlio, a transformar em lei as tabelas da Comissão de Salário-Mínimo, que é a serviço dos tubarões, se recusa a fazer. Os trabalhadores manifestam, ainda, sua solidariedade aos companheiros de São Paulo, que realizaram grandiosa demonstração pela imediata decretação do salário-mínimo e do congelamento dos preços. O presidente do Sindicato, Sebastião Reis, compareceu ao comício do dia 17, no Largo do Arouche, na capital paulista.

SÓ 20%, NÃO!

Em assembleia anterior os têxteis haviam decidido lutar pelo aumento de Cr\$ 1.000,00, nos salários, sem a cláusula da assiduidade. Na assembleia do dia 13 foi animadamente discutida a contra-proposta patronal a essa reivindicação. Os patrões res-

tante mais claro quando é sabido que cerca de 90% dos operários ganham menos de Cr\$ 2.400,00 é a própria Comissão oficial do Salário-mínimo foi obrigada a reconhecer que é impossível viver com menos de Cr\$ 2.400,00 considerando-se os preços de junho de 1953. Mesmo a anterior reivindicação de Cr\$ 1.000,00 de aumento já não satisfaz uma vez que Cr\$ 1.000,00 de aumento sobre o atual salário-mínimo de Cr\$ 1.200,00 daria Cr\$ 2.200,00 — menos, portanto, que o nível reconhecido como necessário pela Comissão do Salário-Mínimo, isto é, menos de Cr\$ 2.400,00.

ORGANIZAR NA EMPRESA

Os têxteis cariocas vivem submetidos a terrível exploração, que assume as formas mais diversas e brutais. Um método que está sendo utilizado, agora, pelos patrões, é o da paralisação do trabalho a pretexto da falta de água. Na Fábrica Deodoro, atualmente, não trabalham duas turnos da seção de Acabamento duas seções de Estamparia e uma da seção de Alveamento. Tal situação vem desde vários dias e até semanas. Os trabalhadores parados não recebem um centavo, mas os patrões já dizem que, quando voltarem ao trabalho, terão que trabalhar 10 horas por dia, para compensar o tempo perdido. Os operários reclamam o pagamento, duas da seção de Escaram parados, já que isso não aconteceu por culpa sua. Na verdade, os patrões utilizam o racionamento de energia, imposto pela Light, e a falta de água, como pretexto para intensificar a exploração dos trabalhadores.

A diretoria do Sindicato debateu, com os operários da fábrica Deodoro, esses problemas. Dêsse debate surgiu a decisão de organizar uma comissão na empresa, o que foi feito, sendo escolhida a comissão pelos operários que participaram do debate na porta da fábrica, os trabalhadores compreenderam que a organização dentro da empresa é condição para o êxito das lutas.

MULTAS E SUSPENSÕES

As suspensões e multas constituem verdadeiros flagelos para os têxteis. São um método largamente empregado

do pelos patrões com o fim de intensificar a exploração dos trabalhadores. Os exemplos são inúmeros e se repetem diariamente. Recentemente os ingleses da Machine Cottons (Fábrica Borborema) suspenderam 112 operários porque estes não foram ao trabalho na segunda-feira de carnaval! Há pouco tempo 13 flandeiros do turno da noite, na mesma empresa, foram suspensos por que se recusaram a fazer, gratuitamente, a tarefa de um operário que fora demitido. O ex-secretário do Sindicato, Joaquim Luiz Mer, que retornou ao trabalho após o término de seu mandato, em pouco tempo já sofreu duas suspensões. Numa delas, o contra-mestre aproveitou um momento em que o operário foi ao sanitário, e o suspendeu por abandono da máquina!

As multas são igualmente comuns. Ultimamente vêm sendo largamente empregadas



O tecelão, trabalha exaustivamente, sofrendo toda sorte de perseguições e exploração para perceber um salário miserável. Milhares e milhares de operários em fábricas de têxteis como esse, lutam contra essas condições de trabalho e pelo salário-mínimo de 2.400 cruzeiros com o congelamento de preços na base dos vigarantes em junho de 1953

na Fábrica Nova América. Qualquer defeito na fazenda, consequência da má situação das máquinas arcaicas é pretexto para multa.

Contra tudo isso lutam, também os têxteis, na atual campanha em que se empenham, por melhores condições de vida e de trabalho.

O SINDICATO SE FORTALECE

Na luta em que se empenham, os têxteis sentem que é necessário reforçar o seu Sindicato. Diariamente numerosos trabalhadores acorrem à sede sindical, não somente para levar reclamações, mas, também, para inscreverem-se no quadro de associados. Os operários apoiam a diretoria do Sindicato e estão dispostos a defendê-la contra as manobras e as ameaças do Ministério patronal-getulista do Trabalho que, agora, com a portaria 20, pretende transformar os sindicatos dos trabalhadores em ninhos de policiais e agentes do governo e dos patrões.

Organizando-se nas empresas, fortalecendo o seu Sindicato e ampliando suas fileiras, lutando sem desfalecimentos até o fim, os têxteis cariocas serão vitoriosos na batalha que travam pela imediata decretação do salário-mínimo e do congelamento dos preços e por melhores condições de vida e de trabalho.

1.º de Maio de Unidade e Luta Pelos Direitos da Classe Operária

EM TODO O PAÍS, preparam-se os trabalhadores para as festas de 1º de Maio. Diferentes serão, este ano, as comemorações do Dia Internacional da classe operária. Os sindicatos, as organizações dos trabalhadores, tomam em suas mãos as comemorações, imprimindo-lhes um sentido novo, de acordo com os sentimentos e os interesses legítimos da classe operária. Impedem que Getúlio, os patrões e seu Ministério do Trabalho pisoteiem na data dos trabalhadores, com suas «comemorações» de cunho oficial, de apoio a esse governo inimigo da classe operária.

Neste último ano, desde o 1º de Maio de 1953, muito avançou o movimento operário no Brasil. Os trabalhadores desencadearam e levaram à vitória lutas gigantescas, como antes não registrara nossa história. Com as greves de São Paulo e os movimentos que se lhes seguiram, muito cresceu a combatividade da classe operária, sua unidade de ação. Ingressando em número crescente nos sindicatos e colocando-se à frente de suas lutas, os trabalhadores deram ao movimento sindical um vigor novo, começando a libertá-lo da tutela ministerialista e a conquistar sua independência. Os sindicatos vão se transformando em cidadelas dos trabalhadores, que acorrem, aos milhares, a suas fileiras. A classe operária ganha a confiança de setores sempre maiores do povo, que vêem nos trabalhadores os líderes verdadeiros das massas populares. A esta situação corresponde o caráter das comemorações de 1º de Maio. Este é o sentido das medidas tomadas pela Comissão de Organização das Comemorações, constituída, nesta Capital, por vinte e cinco sindicatos, reunidos no último dia 23 do corrente.

A luta pela unidade e os direitos da classe operária presidirá as comemorações. Os trabalhadores brasileiros já adquiriram significativas experiências de unidade. Esse foi o fator do êxito da greve dos marítimos,

das grandes greves de São Paulo e se expressa, ultimamente, nos vitoriosos pactos intersindicais, nas comissões intersindicais que dirigem a luta pelo salário-mínimo, etc. Nesse momento em que os trabalhadores brasileiros se empenham, de norte a sul do país, numa batalha como a do salário-mínimo e do congelamento dos preços, o reforçamento da unidade de ação da classe operária é condição decisiva da vitória. A classe operária, para ser vitoriosa nesta luta, terá de colocar-se à frente de todo o povo, mobilizando as grandes massas populares profundamente interessadas no congelamento dos preços. Agora e no futuro, a classe operária não poderá dirigir e unir o povo sem que esteja, ela própria, unida, na luta por suas reivindicações. Daí estar a unidade no centro das comemorações de 1º de Maio. Evidentemente, não é a unidade pela unidade de mas a unidade para a luta, a unidade de ação.

Na medida em que se avolumam as lutas da classe operária e se reforça o movimento sindical, desespera-se o governo de Vargas que, agora, se lança contra os sindicatos. Este é o sentido da famigerada portaria 20, do Ministério do Trabalho, instrumento de intervenção nos sindicatos, de destituição de diretorias legitimamente eleitas, de perseguição policial contra ativistas sindicais que lutam contra a exploração dos patrões e a violência do governo. Com essa portaria, Vargas e seus patrões imperialistas tentam aplicar a lei de segurança contra o movimento sindical, anular as garantias constitucionais dos trabalhadores.

Eis por que a luta pelos direitos da classe operária, agora tão gravemente ameaçados, constitui um dos primordiais objetivos das comemorações de 1º de Maio. Eis por que as comemorações de 1º de Maio terão um sentido de festa e de luta. De festa pelos êxitos alcançados e de luta para assegurar novos e maiores êxitos.



Jovens operários da fábrica de tecidos Mavilis-Bonfim. Morando em subúrbios distantes como Bangú, São João de Meriti, etc., essas crianças saem de casa de madrugada, enfrentando os trens apinhados para poderem chegar às 7 da manhã ao trabalho. Trabalham como adultos mas percebem salários de quatrocentos ou quinhentos cruzeiros que não lhes chegam nem para comer.

Getúlio, o Pai da Carestia!

Estes números querem dizer:
Fome e Miséria

(Getúlio promete acabar com a carestia)

(Com este governo a situação só pode piorar)

	Preços em 1951	Preços em 1954
Açúcar de 2. ^o	4,10	5,60
Arroz amarelo ..	7,00	18,00
Batata inglesa ...	4,50	8,00
Café	31,90	53,70
Carne de 2. ^o	12,00	25,00
Carne seca	15,50	30,00
Cebolas	6,00	10,00
Farinha de mesa ..	2,50	6,50
Manteiga	32,00	60,00
Sabão	9,00	18,00
Fubá de milho ...	3,00	6,00
Feijão manteiga ..	6,30	9,00
Macarrão	7,00	8,70
Pão	4,80	10,00

UNIÃO SOVIÉTICA: 6 REBAIXAS CONSECUTIVAS DOS PREÇOS

Getúlio e seus cúmplices procuram defender-se dizendo que a carestia é um fenômeno universal. Afirmam que há carestia em todos os países do mundo. Cínica mentira. Desde o fim da guerra verificaram-se seis rebaixas consecutivas de pre-

ços na União Soviética, país da fartura e da abundância, onde o poder aquisitivo dos trabalhadores foi quase triplicado. Com o mesmo dinheiro, o povo soviético pode adquirir hoje muito mais do que adquiria em 1947. Eis alguns exemplos:

PÃO 	 2,85
CARNE 	 2,8
MANTEIGA 	 3,0
LEITE 	 1,39
AÇÚCAR 	 2,27
1947	1953

Assim é Nas Capitais,
No Interior é Muito Pior

Poder Aquisitivo do Povo

Média mensal, «per capita», das compras da população no comércio varejista, nas principais capitais brasileiras:

Porto Alegre	\$375,00
Rio	\$366,66
São Paulo	\$341,46
Belo Horizonte	\$300,00
Recife	\$233,33
Salvador	\$216,66

Média mensal, «per capita», das compras da população no comércio varejista, na região do Polígono das Secas, que abrange o total de 10.760.659 habitantes (1/4 da população do país) \$29,66.

(Dados do IBGE, segundo estatística de 53)



A INDÚSTRIA DA CARESTIA NAS MÃOS DOS AMERICANOS

Tudo serve para Getúlio entregar o Brasil à voracidade dos trustes americanos. Agora chegou a vez dos ianques monopolizarem a indústria da carestia no Brasil. Há quase meio ano estão no Brasil os «técnicos» do truste alimentício americano «Klein & Sacks».

Quem os trouxe? O órgão governamental «Comissão de Desenvolvimento Industrial», presidido por Osvaldo Aranha. Qual o pretexto? Elevar o padrão alimentício do povo brasileiro, baixar o custo dos alimentos.

Os «técnicos» ianques esquadriham todo o país. Estão fazendo um «plano». Assim os americanos

se preparam para o completo controle da produção agrícola brasileira. Eles querem o controle da produção, do transporte e da industrialização dos gêneros alimentícios.

Os nomes dos americanos da «Klein &

Sacks»: Julien M. Sacks, George Howard, John Guernsey, Julian S. Duncan, Gustav W. Kump e Robert Sheull. Os ministros de Getúlio que lhes abrem as portas do país são Osvaldo Aranha e João Cleo-

fas. Os vende-pátria que os acompanham: Augusto Frederico Schmidt, seu testa de ferro no Brasil, e Newton Beleza, agente de ligação entre o truste «Klein & Sacks» e o Ministério da Agricultura.

Aumento de Salários, Congelamento de Preços

Esta situação é insuportável para a esmagadora maioria do povo brasileiro. Milhões de brasileiros voltam-se cada vez mais para a classe operária, apoiando e participando de sua luta contra a carestia, a fome e a miséria.

De imediato, o objetivo da luta é o congelamento dos preços ao nível junho de 1953.

Exigindo o salário mínimo de 2.400,00 e o congelamento de preços estão sendo colhidas assinaturas para um memorial que é apoiado não só pelos sindicatos, mas também pelas organizações populares.

Mas o povo não se limita a lutar por esse objetivo imediato. Ficando esse governo que aí está, ficando Getúlio e seu bando de esfomeados com o poder na mão, em

pouco tempo a situação se tornará pior ainda do que é hoje.

O congelamento de preços é bom e indispensável, pois alivia as terríveis dificuldades do povo. Mas a solução definitiva do problema, a liquidação da carestia e de

suas causas está na união de todos os brasileiros para acabar com esse regime, para derrubar o governo de traição nacional de Getúlio, como indica o Programa do Partido Comunista do Brasil, Programa de salvação do povo brasileiro.

«Vivendo num país tão rico o povo brasileiro vegeta na miséria, em consequência da política de rapina dos monopólios norte-americanos e da dominação dos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros.»

(Do Programa do Partido Comunista do Brasil)

Mais Carestia Que Nas Colônias Africanas

No fim do ano passado, dados divulgados pelas Nações Unidas mostravam que, num grupo de 60 países de mais alto custo da vida no mundo inteiro, o Brasil ocupa o primeiro lugar. Eis um pequeno resumo:

Custo de vida — 1948 — igual a 100

Brasil	165
Tanganika	143
Sudão	142
Uganda	142
Kenia	135
Rodésia do Sul	133
Congo Belga	127

O quadro fala por si mesmo. O custo da vida sobe no Brasil de Vargas mais do que nas arqui-exploradas colônias africanas.

Os Salários Valem Cada Vez Menos

Somente de 1939 a 1952 (a situação só fez piorar de lá para cá) a desvalorização de nossa moeda foi de 86%. Isto quer dizer que, em comparação com 1939, cada cem cruzeiros de salário que um operário

recebe valem hoje somente 14 cruzeiros. Os salários valem cada vez menos. Nosso povo está sendo obrigado a trabalhar de graça para enriquecer os americanos e seus lacaios.

«São imensas as forças patrióticas e democráticas que se levantam por todo o país contra o atual governo de traição nacional e que já compreendem a necessidade urgente de salvar o Brasil da situação calamitosa em que se encontra. A sua frente está a classe operária que, através de lutas memoráveis vem golpeando a reação e indicando às grandes massas populares, às mais amplas camadas sociais, o caminho da luta como a única saída para a situação de miséria crescente e de escravização que a todos affige.»

(Do Programa do Partido Comunista do Brasil)

As Massas Conquistarão A Legalidade do P. C. B.

A cada dia que passa torna-se mais vigorosa e adquire maiores proporções a campanha pela legalidade do Partido Comunista do Brasil. Vivendo numa situação aflitiva e procurando uma solução para os angustiantes problemas de nossa pátria, o povo brasileiro reclama a plenitude de seus direitos políticos, exige o direito ao completo exercício das liberdades democráticas e declara abertamente que já não



Senador A. Pasqualini Senador Alencastro Guimarães



Senador Vilasboas Senador Domingos Velasco

é mais suportável nem admissível que uma força política de importância e da influência do P. C. B. seja mantida em clandestinidade pela ilegalidade e a violência, pela vontade dos imperialistas norte-americanos e seus lacaios nacionais.

A divulgação do Programa do Partido Comunista do Brasil acendeu a esperança no coração do povo, incutiu nos brasileiros confiança na salvação da pátria ameaçada de colonização. Sensível às mais justas e legítimas aspirações de tudo o que existe de nacional, democrático, popular e progressista na nação brasileira, o Programa do PCB se transforma em programa de todo o povo à medida que vai sendo conhecido, debatido, discutido.

Por mais que os porta-vozes do que há de reacionário e devotado à traição nacional em nosso país apele para a política e as leis celeradas para impedir que o povo se aposses do Programa dos comunistas e aceite sua direção, por mais que tentem reviver sovadas e cinicas calúnias, não conseguem esconder um fato — a questão da legalidade do Partido Comunista do Brasil está na ordem do dia. Nenhum partido político pode deixar de tomar em conta esse fato, ninguém pode ignorá-lo sob pena de ficar fora da realidade e ser esmagado por ela.

A legalidade do Partido Comunista é uma exigência imperiosa de milhões de brasileiros.

Interesse de todas as forças democráticas

A legalidade do glorioso Partido de Prestes não é assunto que diz respeito exclusivamente aos comunistas, simpatizantes e amigos

do Partido. Essa questão está profundamente entranhada e inseparavelmente ligada ao desenvolvimento dos acontecimentos, ao des-

taço de toda a nação, de cada partido ou agrupamento político, de cada brasileiro com ou sem partido.

Trata-se de decidir se marcharemos para a negra reação fascista, para a brutalidade e a selvageria da ditadura que quer afogar a nação em favor de seus espoliadores ou se barraremos, todos, o caminho da reação e conseguiremos assegurar direitos e liberdades democráticas para que a nação se esclareça, se organize e possa, em suma, escolher livremente o seu futuro, mobilizar suas forças para a conquista do bem-estar e do progresso. Por isso mesmo, não são somente os comunistas e os milhões de brasileiros que os seguem e acompanham, mas a totalidade das forças democráticas que reclamam com crescente vigor a legalidade do Partido Comunista.

Será preciso recordar os fatos recentes que demonstram de sobra que toda onda de perseguições e violências contra os comunistas significa necessária e inevitavelmente a feroz repressão contra os direitos sindicais do proletariado, contra as liberdades democráticas?

Não bastam os fatos de hoje — fatos que são a continuação e a confirmação dos méritos indestrutíveis dos comunistas diante da nação — para mostrar que não há força humana capaz de impedir que os comunistas sejam os vanguardeiros e campeões de todas as lutas em defesa dos mais legítimos interesses nacionais?

Pois, a nação reclama que essa atuação patriótica dos comunistas, profundamente enraizada no seio do proletariado e das massas populares, inseparável de todas as lutas pelo progresso e a libertação do Brasil, não seja limitada e entorpecida, dificultada e perseguida por imposição de uma minoria cada vez menor. O que a nação exige é que, com a legalidade do Partido Comunista, sejam golpeados os perigos que ameaçam a democracia e a liberdade de todos, seja reforçada a luta pela soberania nacional em risco crescente de ser esmagada.

A campanha pela legalidade do Partido Comunista reflete poderosamente os in-

teresses comuns de todas as forças democráticas. Por isso mesmo, assistimos ao seu impetuoso desenvolvimento em que homens de todos os partidos e correntes se unem e reforçam continuamente sua unidade.

Políticos que refletem a opinião do povo

As constantes manifestações do povo, desde que por ordem de Wall Street foi fe-

chado o PCB, recrudescem agora com a campanha eleitoral. Na realidade, um grande plebiscito está dando maioria esmagadora à causa democrática e patriótica da legalidade do PCB.

São dezenas de líderes sindicais, os mais prestigiosos e capazes, os mais influentes e fiéis à causa dos trabalhadores que, em todas as partes, se manifestam abertamente pela legalidade do PCB.



Mozart Lago

São grandes industriais e comerciantes, em todo o país, que se declaram favoráveis à legalidade do PCB.

Em todas as camadas da

população e em todos os setores de atividade, no seio da intelectualidade, entre os jovens estudantes, as donas de casa, multiplicam-se os exemplos de tomada de posição, clara e definida, pela legalidade do PCB.

Imaginar que semelhante e tão profunda pressão popular não repercute e frutifique nos círculos e partidos políticos seria acreditar em milagres. As centenas e centenas de pronunciamentos de líderes e representantes de correntes e partidos políticos, desde os municípios até à esfera federal, refletem a opinião do povo. Eleva-se a mais de meia centena o número de membros do Congresso Nacional, deputados e senadores, que se fazem eco da exigência do povo e se declaram pela legalidade do PCB. Ocuparia muito mais do que o espaço disponível para esta reportagem a simples enumeração resumida de suas declarações à imprensa democrática. E ainda restariam os deputados estaduais e vereadores de todo o país.

Mas não seria exagero dizer que, passando da palavra à iniciativa prática, o senador Mozart Lago interpreta clara e fielmente o pensamento de todos, indo assim ao encontro do desejo popular, ao decidir apresentar emenda a um projeto eleitoral do líder da maioria para assegurar a legalidade do PCB.

As massas conquistarão a legalidade

O Partido Comunista já se dirigiu à Justiça Eleitoral reclamando a legalidade do P.C.B. é a batalha no campo jurídico. A emenda do senador Mozart Lago abre a luta no campo parlamentar.

Mas a luta pela legalidade do P.C.B. precisa ser travada em todos os terrenos. E por mais importantes que sejam as iniciativas nos terrenos jurídico e parlamentar, o que é decisivo e, em última instância, conquistará a vitória é a luta das massas. Se milhões de brasileiros exigirem a legalidade, agora, pois este é o momento, a vitória virá ao seu encontro.

Todas as formas de luta — as já conhecidas e experimentadas e as novas que a iniciativa e o espírito criador do povo lançarem — devem ser utilizadas. Memórias, abaixo-assinados, comissões, telegramas, telefonemas farão sentir a juizes, parlamentares, governantes — em todos os municípios, nos Estados, no Distrito Federal — a vontade do povo.

Nenhum momento é mais oportuno para fazer com que se multipliquem as manifestações de todos os tipos, em escala muitas vezes maior do que já se alcançou até aqui para que a nação inteira possa se manifestar e impor a sua vontade.



Aliomar Baleeiro



Deputado Vieira Lins



Deputado Afonso Arinos



Deputado Plínio Coelho



Deputado Lafaete Coutinho



Deputado Bilac Pinto



Deputado Rui Almeida



Deputado Osvaldo Fonseca



Deputado Euzébio Rocha

As Cadeiras Vazias Do Parlamento...

ERA na tarde de 24 de outubro de 1947. As galerias do Senado estavam repletas. O sr. José Américo, ao lado da cadeira vazia de Luiz Carlos Prestes, ergue um libelo contra a cassação dos mandatos, contra a ilegalidade do Partido Comunista do Brasil. Suas palavras emocionam as galerias. Lá estava o povo. No dia seguinte transbordam nas manchetes dos jornais de todo o país. Todo o povo delas tomou conhecimento.

José Américo verberou a extinção de direitos estabelecidos pela Constituição, exclamando: «O senador Luiz Carlos Prestes tem tanto direito quanto eu de estar aqui.»

E apontando para a cadeira vazia de Prestes, o sr. José Américo afirmou com voz pausada: «Esta cadeira vazia é um símbolo contra todos nós. E se ela continuar vazia, ficará como um símbolo e uma condenação para sempre.»

Hoje, o sr. José Américo é homem de governo, ministro de Vargas. Outro homem de governo atual, o então deputado João Café Filho manifestou-se contra o fechamento do P.C.B. e a cassação dos mandatos dos seus parlamentares.

A cadeira de Prestes continua vazia. A nação aponta para as cadeiras vazias do Parlamento. Elas são uma condenação. O povo faz sentir aos parlamentares de ontem e governantes de hoje a sua exigência — legalidade para o P.C.B.

A Intangibilidade do Partido E o Liquidacionismo de Fernando Lacerda

Altamiro Gonçalves

O grande Stálin nos ensina que o Partido é o primordial, é o instrumento imprescindível da revolução. Sem um Partido de vanguarda, grande pelo número de seus militantes, forte pelo domínio da teoria, suficientemente experimentado e dextro, o proletariado não pode ser vitorioso na luta por sua emancipação social.

A idéia do Partido é, assim, inseparável da idéia da revolução.

Justamente porque o núcleo central dirigente do P.C.B., nos períodos mais difíceis de sua existência, compreendeu isso, é que a intangibilidade da idéia do Partido encontrou nele um defensor intransigente, como uma questão de princípios de importância capital.

A luta pela existência do Partido, pela sua construção e seu fortalecimento contínuos foi, e continua sendo, a maior preocupação da direção mais provada que já teve o nosso Partido, com o camarada Prestes à frente. Exemplo incomparável desse desvelo pela existência e fortalecimento do Partido encontramos no Programa ora apresentado ao proletariado e às amplas massas do povo brasileiro.

Um Partido é forte, não só pelo número de seus militantes e pelo domínio da teoria, mas também pela solidez dos laços que o ligam às grandes massas. «A vanguarda não pode vencer sozinha» — ensinaram toda a sua vida Lênin e Stálin.

Pois bem: o Programa é um dos fatores mais decisivos para ligar a vanguarda às massas. Um programa justo, quando levado ao seio das massas e com a condição de que lhes seja pacientemente explicado, constitui um fator de esclarecimento, de mobilização e de organização insuperável.

Por isso, com o pensamento voltado para o Partido, que é o condutor e o chefe da revolução brasileira, o núcleo central dirigente tudo fez para dotá-lo com um programa à altura das necessidades atuais, justo na inter-

pretação da realidade histórica em que vivemos, justo nas suas conclusões, justo nas tarefas que traça e na sua orientação estratégica e tática.

Se o desvelo pelo Partido e a defesa de sua intangibilidade foi sempre a preocupação mais viva de um punhado de dirigentes que hoje constitui o seu núcleo central, dirigente, o mesmo não se pode dizer de outros, que no passado hostilizaram ao Partido, advogando, inclusive, pela sua liquidação, alguns dos quais, ainda hoje o hostilizam, é verdade que sob formas mais veladas e sutis.

É preciso falar francamente ao Partido. O silêncio não absolve pecados, ninguém se redime de suas culpas omitindo-as. Estamos no processo de realização do IV Congresso do Partido e todo o Partido exige, e tem o direito de fazê-lo, que se lhe exponha tudo, que cada um fale honestamente de sua conduta, preste conta de seus atos. Não há outro caminho para quem queira ser digno da confiança do Partido.

Ocorre-nos perguntar: por que Fernando Lacerda nem mesmo tenta fazer autocritica de suas posições contra o Partido no passado, mesmo no passado mais recente?

Posso testemunhar o esforço despendido por Fernando Lacerda para liquidar o Partido, num período em que o Partido atravessava uma das situações mais difíceis de sua existência.

Por volta de 1942 Fernando Lacerda, além de lançar sua plataforma liquidacionista no jornal do sr. Samuel Wainer, dedicava uma particular atenção ao trabalho de proselitismo entre os militantes mais antigos que gozavam, ou que ele supunha gozarem, de algum prestígio, a fim de ganhá-los para os seus pontos de vista liquidacionistas. Isto ocorreu comigo e muitos outros militantes e todos nós — os que se deixaram enganar — havemos de assumir nossa parcela de responsabilidade

porque, qualquer que tenha sido nossa atitude, participando ou não ativamente do trabalho liquidacionista, não soubemos defender o Partido, zelar pelo Partido.

O engano e a calúnia eram as armas dos liquidacionistas.

Aos que, como eu, perdiam a confiança nas forças da revolução e se acomodavam, fugindo à luta, os liquidacionistas apresentavam um quadro deformado, falso da realidade, dizendo-lhes que o Partido não mais existia, posto que tudo se havia fracionado num sem-número de grupos sem princípios e sem autoridade. Era falso. O Partido jamais deixou de existir.

A calúnia juntava-se à mentira para iludir os que haviam deixado embotar sua vigilância revolucionária. «O que existe aí não é Partido, mas vários grupos que se dizem Partido, todos eles infiltrados de espíões e policiais...» — diziam os liquidacionistas chefiados por Fernando Lacerda. Era a calúnia negra e sórdida, que colocava em pé de igualdade confidentes da polícia ou traidores como Miranda, Bangu, Xavier, Silo e Costa Leite, com homens de veracidade moral e de fidelidade comprovada como esses que hoje formam o núcleo central dirigente do Partido.

«Dissolver tudo isso é a solução!» — diziam os liquidacionistas. «Mais tarde,

quando as coisas clarearem bastante, cogitaremos da realização de um grande congresso «das esquerdas» e daí surgirá um novo partido que a todos congregue e unifique a todos...» Misera bandeira suja, ao invés da imaculada bandeira do P.C.B.; sórdido conglomerado de oportunistas e traidores de todos os matizes, de mistura com autênticos revolucionários, ao invés do Partido monolítico da classe operária; aglomeração sem princípios, incolor e amorfa ao invés de um autêntico Partido revolucionário, de vanguarda, armado de uma teoria de van-

guarda, alicerçado nos seus princípios do marxismo-leninismo. Tal era a perspectiva dos liquidacionistas, sua «solução», o «caminho» que indicavam à classe operária no Brasil.

Pelo visto, Fernando Lacerda não se sente responsável por nada disso, e vez que jamais fez uma autêntica autocritica, franca, honesta, sem rebuços.

O Partido tem o direito de exigir essa autocritica. Mais ainda: o Partido quer saber como e onde Fernando Lacerda estabeleceu ligações com o traidor José Maria Crispim, esse reles servil do imperialismo norte-americano e das classes dominantes no Brasil.

O Partido tem esse direito e todo militante consciente de seus deveres para com o Partido sabe que a obrigação de ser honesto, sincero e veraz, além de ser uma questão de moral comunista, é também uma exigência dos Estatutos que dizem:

«Ser sincero e honesto para com o Partido. Não permitir que se oculte ou disvirtue a verdade».

Comete um erro crasso quem pensar que enganará ao Partido ocultando ou dissimulando a verdade. Dia mais, dia menos, o Partido saberá de tudo. Também não se engana ao Partido tecendo-lhe lóas. Falar franca e honradamente, reconhecer os erros com destemor, pôr a verdade em evidência e defendê-la, é isso que o Partido espera e exige de todos os seus militantes.

O contrário disso — a dissimulação da verdade, a ocultação do erro, o ludíbrio — leva ao abismo. E que depois, quem tenha preferido esse caminho perigoso, ao ver-se rolar nas encostas ásperas do descrédito e da vergonha, não diga que ignorava as possíveis consequências.

A nuvem pode tão somente toldar o sol por algum tempo, mas não pode apagá-lo. A verdade é como o sol: oculta hoje, ressurgirá amanhã mais viva e brilhante do que nunca.

O IV Congresso Fator de Reforçamento da Unidade do Partido

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL marcha para o seu IV Congresso firmemente unido em torno do Comitê Central, à cuja frente se acha o camarada Prestes, secretário-geral do P. C. B.. Nessa unidade inabalável e no caráter monolítico das fileiras do Partido residiu e continua a residir a fonte do poderio de nosso Partido e de suas vitórias memoráveis à frente do povo brasileiro. Contra a unidade inquebrantável do Partido, desfizeram-se sempre, um a um, todos os golpes urdidos pelo inimigo visando debilitar o P. C. B., afastá-lo do caminho revolucionário e arrastá-lo pela trilha do oportunismo e da traição à classe operária e ao povo. Em todos os instantes da existência de nosso Partido, os militantes comunistas têm sabido cumprir com honra o seu primeiro dever de membros do Partido, salvaguardando por todos os meios a unidade inviolável de nossas fileiras.

A unidade do Partido ganhará uma força nova e um vigor incomparável com a realização do IV Congresso do P. C. B.. O Congresso será um fator poderosíssimo para o reforçamento da coesão ideológica e orgânica do Partido, que se elevará a um nível até então desconhecido.

Isto acontece, antes de tudo, pelo fato de que o IV Congresso se reúne com o objetivo de discutir e aprovar o Programa e os novos Estatutos do Partido. Aprovando o Programa do P. C. B., após as discussões amplas e livres que se realizam em todos os organismos partidários, o IV Congresso colocará nas mãos de todos os militantes comunistas o instrumento que dará à unidade do Partido a sólida base de princípios, à luz dos quais ele se converterá, em definitivo, numa fortaleza inatingível para os inimigos da classe operária e do povo. O Programa do P. C. B. representa a aplicação, de modo vivo e criador, da doutrina marxista-leninista à realidade brasileira. O caráter da Revolução Brasileira nele definido corresponde rigorosamente à verdade científica, e as tarefas que traça são aquelas cujo cumprimento conduzirá à vitória a luta de nosso povo contra o imperialismo norte-americano, os latifundiários e o governo de Vargas. A base da luta pela execução dessas tarefas é que será cimentada a unidade monolítica do Partido em torno do Comitê Central.

O Programa do P. C. B. é o poderoso fator que assegurará a unidade de vontade e a unidade de ação de todo o Partido. A assimilação do Programa por todo o Partido eliminará pela raiz quaisquer tentativas estranhas ao marxismo, de desviar a luta da classe operária e do povo, quer se trate de tendências oportunistas de direita, como setárias de «esquerda».

Mas a unidade ideológica, que se reforçará à base do Programa do Partido, precisa estar plenamente assegurada mediante a unidade material de organização, mediante o rigoroso respeito e a aplicação das firmes normas da vida partidária, acatamento às exigências estatutárias, a exata compreensão dos deveres e dos direitos que cabe aos militantes do Partido. Daí a relação íntima que existe entre o Programa e os Estatutos do Partido. O Programa do P. C. B. só poderá, afinal, ser levado à prática contando-se com uma organização centralizada, combativa e monolítica, uma organização que nem de longe admita a existência em seu seio de grupos ou frações divergentes.

Tudo isso ressalta a importância do amplo debate que se realiza em todo o Partido em torno do projeto de Programa e dos novos Estatutos. É da luta de opinião no seio do Partido que poderá resultar a perfeita assimilação desses documentos, assim como a contribuição crítica de todos os membros do Partido para a sua elaboração definitiva. É indispensável que todo o trabalho em torno do Congresso reflita essa luta de opiniões, pois uma vez aprovados, o Programa e os Estatutos se converterão no roteiro político e na lei interna da vida partidária — bases invioláveis da unidade do Partido.

O PROGRAMA DA VITÓRIA DE NOSSO POVO

Clovis de Oliveira Neto

AGORA temos os nossos Programa, um Programa histórico, que desempenhará um papel decisivo para o desenvolvimento de nosso Partido e para a vitória da revolução no Brasil.

O Programa do Partido resulta do esforço de nosso Comitê Central no sentido de assimilar a doutrina marxista-leninista para a justa interpretação da realidade brasileira. Com a ajuda dos magistrados ensinamentos do discurso do grande Stálin, no XIX Congresso do P.C.U.S., tornou-se mais fácil o trabalho de ela-

boração do nosso Programa.

Que é o Programa? É o programa da revolução democrático-popular. É o programa que corresponde à atual etapa de nosso desenvolvimento histórico, em relação com as condições mundiais. É o Programa que corresponde à atual disposição das forças de classe em nosso país. Stálin definiu o programa como sendo uma breve exposição, plasmada em formulas científicas, dos fins e das tarefas de luta da classe operária.

O Programa de nosso

Partido tem em vista, através da vitória da revolução democrático-popular libertar nosso país da dominação imperialista americana, liquidar com a estrutura latifundiária e as sobrevivências feudais, tirar nosso país do campo da guerra e do imperialismo e colocá-lo no campo da paz e da democracia.

É perfeitamente justo o Programa de nosso Partido quando aponta como contradição principal aquela que existe entre as amplas massas de nosso povo, de um lado, e os imperialistas americanos, os latifundiários e grandes capitalistas ligados a estes imperialistas, de outro. Os imperialistas americanos, apoiados em seus sustentáculos internos escravizaram e pilharam nosso país, exploraram e arruinaram o nosso povo. Todos sofrem as

consequências da dominação imperialista americana. Assim, abrem-se as mais amplas possibilidades para a frente única das forças democráticas, patrióticas e progressistas de nosso povo. Todas estas forças, a classe operária, os camponeses, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional — unidas numa frente democrática de libertação nacional poderão derrotar o imperialismo opressor e guerreiro, poderão substituir o governo de Vargas por um governo democrático de libertação nacional.

O Projeto de Programa de nosso Partido, ao caracterizar o governo de Vargas como um governo de latifundiários e grandes capitalistas serviais dos monopolistas dos Estados Unidos, comprova esta afirma-

ção com fatos irrefutáveis, contribuindo para demolir ilusões que existem em setores da população.

É inevitável a revolução agrária e anti-imperialista em nosso país e a substituição do atual governo de latifundiários e grandes capitalistas por um governo democrático de libertação nacional. Esta tarefa depende fundamentalmente de um forte Partido da classe operária, política e ideologicamente desenvolvido, intimamente ligado às amplas massas.

O êxito desta tarefa depende de nosso Partido, da nossa capacidade de saber transformar o Programa de nosso Partido em Programa de todo o nosso povo.

O nosso Partido dá grande passo para sua maturidade política. Jamais fo-

mos tão fortes como hoje.

A classe operária e o nosso povo voltam-se para o nosso Partido e para o camarada Prestes. Armados do Programa, temos um bom pedaço de caminho andado. Temos nossos passos iluminados pela doutrina do marxismo-leninismo. Quando as massas se apossarem do Programa de nosso Partido, a torrente revolucionária se desencadeará como uma caudal invencível para expulsar de nossa pátria os imperialistas americanos e pôr abaixo o governo anti-nacional e anti-popular de Vargas.

O Programa de nosso Partido possui um extraordinário poder de convicção e infunde confiança às fileiras do Partido e às amplas massas de nosso povo. Imbuídos dessa confiança e dessa convicção marchamos para a vitória!

O PAPEL DOS INTELLECTUAIS NA LUTA PELA DEFESA DA CULTURA NACIONAL E DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Fernando Lacerda

Antes de mais nada: uma explicação que é um dos motivos por que intervenho neste problema. Alguns escritores, artistas e poetas; alguns cientistas mesmo; não admitem que um médico clínico, um advogado, um engenheiro, sejam intelectuais. Está errado! Todos aqueles que trabalham COM A CABEÇA, COM A INTELIGÊNCIA, são intelectuais. TRABALHADORES INTELLECTUAIS!

Entremos, agora, no assunto...

O motivo principal de meu artigo é que estou vendo cometer-se um sério desvio, FALSO E PERIGOSO, na questão de se avaliar o papel dos intelectuais na luta pela emancipação do Brasil dos dois jugos que o oprimem: — o Imperialismo americano e o atraso feudal.

Não há dúvida nenhuma que o intelectual DE ESQUERDA, REVOLUCIONÁRIO, tem uma GRANDE E INDISPENSÁVEL IMPORTÂNCIA nessa luta.

Em TODOS os países dependentes e, sobretudo, nos países dependentes, em que, como é o caso do Brasil, existem já um CERTO desenvolvimento do capitalismo e um proletariado RELATIVAMENTE numeroso e combativo; em tais países — logo, também, aqui — os intelectuais DE ESQUERDA, ensinados por OBRIGATORIAMENTE no «bloco nacional-revolucionário» que deve garantir a organização e a vitória da primeira etapa anti-feudal e anti-imperialista da Revolução Colonial. E, na DEFESA DA CULTURA NACIONAL contra aqueles dois jugos citados — parte da luta geral emancipadora — essa importância dos intelectuais de ESQUERDA ainda é maior.

Mas, em BEM DESSE MESMO PAPEL IMPORTANTE DOS INTELLECTUAIS DE ESQUERDA — tanto na luta libertadora geral, COMO NA DEFESA DA CULTURA NACIONAL — NÃO SE PODE NEM SE DEVE EXAGERAR ESSE PAPEL.

Ora, eu creio que a «Imprensa Popular» EXAGERA, e muito, tal papel. Assim, em seu número de 21 ou de 23 de fevereiro último, na resposta a uma pergunta de quem queria saber por que o Partido dá tanta importância aos intelectuais, se diz ali que os intelectuais — e não fala em intelectuais de esquerda somente... — valem muito PORQUE ENSINAM O MARXISMO AOS OPERÁRIOS!!

Parece-me que há mesmo um EXAGERO FALSO E PERIGOSO!

Por que?

EM PRIMEIRO LUGAR, porque dá a idéia de que se deseja conquistar os intelectuais em geral para... ensinar o marxismo aos operários... Isto é: para entrarem ao Partido e serem ali os MESTRES, os PROFESSORES, dos operários, no marxismo!

Ora, nosso objetivo para com os intelectuais NÃO É ESSE OBJETIVO SECTÁRIO E ABSURDO! Nosso objetivo é o de ENSINAR aos intelectuais o caminho JUSTO E ÚNICO EFICIENTE para a defesa da cultura

nacional e para a formação dos intelectuais DE ESQUERDA no bloco nacional revolucionário a que se refere Stálin e de que fala nosso Programa, para a primeira etapa da Revolução Colonial brasileira.

EM SEGUNDO LUGAR, porque, repetimos, um tal objetivo nosso só diz respeito a uma determinada camada de intelectuais: — os de esquerda, os revolucionários. Sendo que revolucionários, NA ATUAL ETAPA DA REVOLUÇÃO COLONIAL BRASILEIRA, não são, apenas, os intelectuais marxistas, comunistas; mas, também TODO INTELLECTUAL DEMOCRATA E PATRIOTA QUE DESEJA LIBERTAR A CULTURA NACIONAL BRASILEIRA E TODO O SEU PAÍS NATAL DAS OPRESSÕES BRUTAS DO IMPERIALISMO AMERICANO E DE SUA «CULTURA» VICIADA E DEGENERADA, assim como da incultura ou atrasos culturais do antigo Brasil e dos restos feudais ainda hoje aqui dominantes.

Nós não nos interessamos — nem tem importância nenhuma para o progresso e o bem do Brasil — pelos «intelectuais», mais ou menos alcaçados aos imperialistas americanos, mais ou menos envenenados pela sujeira desse laçaios no mundo: — os Carlos toalha, os Danton Jobin, os Frederico Smith, os Rubem Braga, e comparas...

Cabe-nos, apenas, ajudar a FORMAR A MENTALIDADE REVOLUCIONÁRIA — repetimos: anti-americana, anti-imperialista e anti-feudal — dos INTELLECTUAIS DE ESQUERDA, democratas e patriotas que se revoltam contra os opressores de nossa cultura nacional e de nossa Pátria, em geral; os imperialistas americanos e o atraso feudal do país.

A esses intelectuais DE ESQUERDA, devemos, SEMPRE, ajudar a se libertarem de numerosos preconceitos, desvios, idéias falsas, ilusões perigosas, etc.

Por exemplo:

a) — o preconceito, tão comum na pequena burguesia revolucionária, da «VOLTA AO PASSADO». Esta volta ao passado — como reação desorientada contra as «torturas econômicas, políticas, sociais, CULTURAIS, do brutal século de imperialismo, de sua opressão nos países fracos e dependentes, como o Brasil; — tal «namoro ao bom do passado», tanto diz respeito ao comunismo primitivo e ao patriarcalismo dos povos antigos, tribais, indígenas, quanto à sua arte e à sua ciência embrionárias, à sua pintura «deformada», etc.

b) — tendências «esquerdistas», PUTCHISTAS, em dar saída aos apertos;

c) — «delírios sectários da doença infantil do esquerdismo no comunismo», logo seguidos — ao menor fracasso ou dificuldade — de lamentáveis desânimos, desercões, etc.;

d) — desvios reformistas, falta de fé nas massas «brutas», «analfabetas» corupções de bebedeiras, sexuais, freudismos, nudismos, existencialismos, e outras porqueras semelhantes.

EM TERCEIRO LUGAR, porque o método de FORMAR ESSES INTELLECTUAIS DE ESQUERDA, não é, absolutamente, o de enchê-los de vento demorado, de exaltar excessivamente seu verdadeiro papel atual, e cousas desse estilo... Nem o de SECTARIZAR esse papel, dando-lhes a tarefa de «MESTRES DO MARXISMO AOS OPERÁRIOS»!

Não é tampouco o de capitularmos diante de seus falsos métodos de luta na defesa da cultura nacional, nem diante do putchismo deles, nem diante do reformismo pacífico e morto dos intelectuais burgueses e pequenos burgueses aburguesados.

Não é, por exemplo, fazer-se o que se fez no recente Congresso de Goiânia. Nas resoluções desse grande Congresso, todas muito úteis sem dúvida, a DEFESA DA CULTURA NACIONAL não há uma cousa, que me parece ESSENCIAL para a DEFESA DESSA CULTURA NACIONAL.

Essa cousa é a CRÍTICA FRATERNAL E AMIGA dos métodos reformistas e putchistas na luta em defesa de nossa cultura e a DEFESA DOS ÚNICOS MÉTODOS EFICAZES, JUSTOS, para impedir-se a opressão e deturpação de nossa Cultura Nacional pelos imperialistas americanos e pelo nosso atraso feudal. Esses métodos ÚNICOS E EFICIENTES de luta pela DEFESA DE NOSSA CULTURA NACIONAL não se RESUMEM no que decidiu com razão o Congresso de Goiânia.

Para uma defesa eficaz e triunfante de nossa cultura Nacional os intelectuais — que desejam, de fato, essa defesa — PRECISAM SE DIRIGIR AO POVO, À MASSA BRUTA E ANALFABETA, e AO LADO DE LA, SOB A DIREÇÃO DO PROLETARIADO, APLICANDO — além dos meios estudados no Congresso citado — OS PROCESSOS DE LUTA POPULARES, DE RUA, DE MASSAS, expulsando do Brasil os gringos americanos que pretendem anular ou deturpar nossa cultura, em TODOS OS SEUS ASPECTOS (artes, ciências, cinema, música, pintura, medicina, etc.); EXIGINDO dos governos e autoridades TUDO que represente defender essa cultura nacional e AJUDANDO O POVO EM TODA ESPECIE DE LUTA CONTRA OS IMPERIALISTAS AMERICANOS E OS FEUDALIS — inimigos comuns da Pátria e de nossa Cultura Nacional.

Fazer isso, antes, durante e depois do Congresso de Goiânia — e ante qualquer outro Congresso de nossos aliados — NÃO É ABSOLUTAMENTE SECTARISMO! É cumprir um dever de aliado nessas lutas, de aliados que enxergam mais longe e que têm a obrigação de FORMAR MELHOR SEUS ALIADOS PARA A LUTA E PARA A VITÓRIA DEFINITIVA DE NOSSA CULTURA NACIONAL!

Não fazer isso, ao contrário, é TRAIR ESSE DEVER, É TRAIR OS PROPRIOS INTELLECTUAIS DE ESQUERDA, é deixá-los e CAPITULAR diante de seus preconceitos e de suas ilusões, que LEVAM A LUTA EM DEFESA DA CULTURA NACIONAL POR

UM CAMINHO DE DERROTAS E FRACASSOS DE SASTROSOS! E ser, em suma, OPORTUNISTA DIRETISTA!

A única Frente Única útil ao povo — ensinam-nos Lênin, Stálin, e Prestes — é a que NEM ABRE DEMAIS A BOCA DOS COMUNISTAS PARA DELÍRIOS SECTÁRIOS ESTUPIDOS, como, por exemplo, o de afirmar que, em vez de congressos como o de Goiânia, devemos FAZER A REVOLUÇÃO JA!, etc.; NEM CERRA ESSA BOCA COM MEDO DE CAIR NO SECTARISMO, DEIXANDO PASSAR SEM UMA CRÍTICA FRATERNAL AOS DESVIOS DOS ALIADOS, E SEM DEFESA DOS ÚNICOS MÉTODOS DE LUTA JUSTOS PARA A VITÓRIA DA LUTA PELA CULTURA NACIONAL. Sem esses cuidados, NÃO HÁ FRENTE ÚNICA útil ao povo; há «bate-papos» úteis aos que tentam enganar o povo com reformismos inócuos...

ENFIM, o que disse a «Imprensa Popular», é FALSO E PERIGOSO, porque os intelectuais que ensinam o marxismo aos operários NÃO SÃO TODOS E QUAIQUER INTELLECTUAIS! Quem escreveu a resposta do jornal ouviu cantar o galo e não sabe onde... Isto é, leu ou ouviu dizer que Lênin falou alhures que o marxismo não vem aos operários através de suas lutas econômicas, e, sim, trazido por elementos de outras classes, sobretudo por intelectuais. E concluiu daí a importância dos intelectuais... como MESTRE DO MARXISMO.

Ora, Lênin e Stálin se referem a intelectuais que SABEM LER E ENTENDER O MARXISMO, para poder ensiná-lo aos operários; aos intelectuais, sobretudo, que SABEM IR às massas e APRENDER COM ELAS MUITO MAIS DO QUE ENSINA-LAS! Intelectuais, como Lênin, que confessam que a SUPERIORIDADE do operário sobre o intelectual está, em especial, em que ele sabe «agarrar o touro pelos chifres», isto é: compreender, logo, o ponto essencial da luta, etc. INTELLECTUAIS que, como Stálin, reconhecem que seus verdadeiros MESTRES foram os «operários de Tiflis», INTELLECTUAIS QUE, como Lênin e Stálin, mostram que «a verdadeira escola viva no marxismo está na vida do povo, em suas lutas, e que, nessa escola, DEVEM APRENDER TAMBÉM OS INTELLECTUAIS QUE TEM A MISSÃO DE ENSINAR O MARXISMO AOS OPERÁRIOS, INTELLECTUAIS, enfim, como o nosso PRESTES, que confessam desassombradamente em público seus erros, mesmo os mais graves, para APRENDER ELE JUNTO COM OS OPERÁRIOS E O POVO o marxismo, com a experiência de seus próprios erros!

São esses intelectuais que DEVEM E PODEM ensinar o marxismo aos operários. E eles já estão ou estarão dentro do PCB, embora, é claro, NEM TODOS POSSAM JA! EXERCER ESSA MISSÃO.

Entretanto, a importância que o Partido dá aos intelectuais, repito não reside nisso que a «Imprensa Popular» fala. Mas, no que já mostramos logo no começo deste artigo: em que a INTELLECTUALIDADE DE ESQUERDA é um dos ALIADOS INDISPENSÁVEIS do proletariado para a defesa da cultura nacional e para a emancipação total do Brasil do jugo americano e feudal.

F. LACERDA

O Programa do P.C.B., Fator Vivo De Mobilização e de Organização

Roberto Silva Santos

O debate do Programa e dos Estatutos do Partido Comunista do Brasil, tem sido um fator de mobilização e de organização de novos militantes e tem atraído velhos membros do Partido, para a vida ativa. O debate possibilita e dá aos militantes melhor compreensão sobre o caráter da revolução brasileira, sobre as forças que compõem a Frente anti-imperialista e anti-feudal, problemas ainda não compreendidos ou mal assimilados por nós antes da saída de tão importantes documentos.

O debate do Programa vem atraindo pessoas de todas as camadas da população principalmente os elementos de vanguarda. Um trabalhador do fundo da Mina de Morro Velho, que há tempo não reunia, com a publicação do Programa compareceu à assembleia de sua organização de base e iniciou sua intervenção dizendo: «Frente ao Programa e aos Estatutos do Partido, não posso ficar inativo». E acrescentava: «quero saber quais são as vantagens que o novo regime traz à classe operária». A pergunta simples e honesta do operário, deixa transparecer o descrédito nos homens de governo da classe dominante e mostra sua fé ardente na mudança do regime como o único meio de libertar o Brasil do jugo imperialista e assegurar paz e bem-estar para o nosso povo.

Essa pergunta me advertiu como devemos debater o Programa. Nada de debates acadêmicos, nada de querer desenvolver altos problemas porque a compreensão do Programa será dificultada por aquelas pequeninas coisas que ainda não foram explicadas. Por outro lado, só agora, com o debate do Programa e dos

Estatutos, é que pude ver o atraso em que vivemos no domínio da assimilação política do Partido e do desconhecimento do Marxismo-Leninismo. A infração aos princípios e normas da direção partidária, a desobediência às leis de construção do Partido; o desrespeito ao caráter coletivo do trabalho de direção e o sufocamento da crítica e auto-crítica por falta de desenvolvimento da democracia interna.

Quais as causas que têm impedido a assimilação dos materiais estudados? A validade, o personalismo pequeno-burguês, a auto-suficiência, a falta de simplicidade operária em perguntar o que não se sabe como o faz o mineiro de Morro Velho, a arrogância, querer aparecer diante dos outros como sábio, como o dono da bola e considerar os demais como bobos e atrasados. No meu caso pessoal, quantas vezes tenho deixado de discutir problemas importantes nas comissões, por julgar que os outros não me vão dar a ajuda desejada! Dal achar por bem resolver individualmente, de forma completamente errada, pois nem ajudado e nem posso ser ajudado.

No cumprimento da tarefa de ganhar todo o Partido para o Programa, e transformar o Programa do Partido em Programa de todo o povo, tenho a certeza de que o debate será uma contribuição poderosa na educação dos militantes do Partido, lhe dará maior compreensão, audácia e vivacidade. Isso contribuirá para o amadurecimento político de nosso Partido e assegurar a realização do IV Congresso nos moldes para o qual foi convocado, tornando-se assim, uma página da história de nosso Partido, um dos maiores acontecimentos nos seus 32 anos de vida.

O «POÇO DO BUTANTAN»

W. O.

O camarada Fernando Lacerda nem bem explicou sua posição passada, ao lado dos liquidacionistas oportunistas e ao tal de Orispim, já vem com outras teorias estranhas no seu último artigo publicado na VOZ OPERÁRIA de 6-3-54.

O camarada, a pretexto de combater tendência esquerdista no Programa, procura maliciosamente combater o mesmo, principalmente nos dois pontos intocáveis, que é a derrubada do regime feudal e expulsão dos imperialistas americanos.

Reconheço que não tenho capacidade para fazer uma análise mais profunda da falsidade do seu artigo, o que, aliás, é para mim difícil em vista do seu artigo me parecer um «poço do Butantã», cheio de cobras venenosas. Entre elas a que eu vi mais claramente foi a de Trotski em que ele dizia — impossível a vitória do Socialismo em um só país enquanto a classe operária não

estiver fortemente organizada. Ao contrário disso o grande Lênin ensinou que é no fogo da luta que a classe operária e o Partido vão se organizando. E a realidade atual no Brasil está provando essa verdade histórica.

Naturalmente à medida em que enfrentarmos com mais decisão e espírito auto-crítico as nossas atividades e os nossos deveres de comunistas, estaremos mais próximos da vitória do Programa. a) W. O. — S. Paulo.



O PROGRAMA, FATOR DE EDUCAÇÃO DO PARTIDO

Mautilio Muraro

A FORMAÇÃO teórica e ideológica é uma necessidade permanente. Neste terreno, apenas começamos a dar os primeiros passos no nosso Partido. O camarada Prestes nos chama a atenção para este aspecto importante de nossas atividades. O camarada Prestes assinala os sérios prejuízos que sofreu o Partido, como resultado de nosso atraso teórico. Estes prejuízos mais se agravaram porque nos faltava um Programa revolucionário. O Programa do Partido significa a maior contribuição para nossa formação ideológica, dá a base do exame marxista-leninista da realidade do país, uma fiel caracterização da revolução brasileira. O projeto de Programa demonstra, cientificamente, a profundidade da penetração imperialista em nosso país, revelando à base dos fatos concretos os seus objetivos de brutal exploração, escravização e colonização de nossa Pátria. O Programa põe à mostra os sustentáculos internos do imperialismo, que são os latifundiários e grandes capitalistas. Assim, o Programa arma todo o Partido e o povo brasileiro, com um poderoso instrumento de luta para eliminar o atraso econômico e social de nosso país.

Uma valiosa contribuição para a luta de nosso Partido e de nosso povo é a definição clara do caráter da revolução brasileira. Até os dias de hoje vivíamos em confusões constantes que provocavam oscilações tanto para a esquerda como para a direita. O discurso de Stálin no XIX Congresso veio nos alertar e apontar o justo caminho da revolução nos países coloniais e dependentes.

O exame da realidade brasileira feita à luz do marxismo-leninismo e que o projeto de Programa expressa nos indica que o caráter da revolução brasileira não é, na atual etapa, socialista, como era por muitos de nós compreendida.

Também não se trata de uma revolução de caráter burguês como no passado, antes da Revolução de Outubro, quando a força hegemônica era a burguesia, idéia muito difundida não há muito tempo em nosso meio.

O projeto de Programa do Partido, tomando por base a realidade brasileira, define a atual etapa da revolução como democrático-popular, visa solucionar as tarefas não cumpridas da revolução democrática-burguesa.

A força hegemônica desta revolução é o proletariado que tem como aliado fundamental os camponeses, em especial os camponeses pobres.

As vastas camadas da população brasileira lhe prestam um caráter popular que seria impossível antes da Revolução de Outubro.

O projeto de Programa, apresenta a solução justa para os problemas dos aliados do proletariado na atual etapa da Revolução. O Manifesto de Agosto apresentava uma saída estreita para este problema, podemos dizer, sectária. Temos inimigos poderosos pela frente, como o imperialismo americano e os senhores feudais. O proletariado sozinho e isolado não pode vencer a batalha da atual etapa da revolução brasileira.

Este projeto de Programa está de acordo com as indicações de Stálin em seu grande discurso no XIX Congresso, que leva em conta a realidade dos países coloniais e dependentes, no período da crise geral do sistema capitalista e da desagração de fato do sistema colonial do imperialismo. As bandeiras da paz, das liberdades democrático-burguesas e da defesa da independência e soberania nacionais, estão presentes neste projeto de Programa, o que lhe dá uma força toda especial, pois estas reivindicações democráticas de nosso povo serão uma força de ataque das mais amplas massas em torno da classe operária e seu Partido de vanguarda.

É fruto da atual realidade brasileira, de país semi-colonial atrasado econômica e socialmente, a necessidade de levantar a luta pelas reivindicações democráticas. O projeto de Programa especifica com clareza, de acordo com a atual situação de nosso país, as forças que não serão inimigas da revolução e que poderão apoiá-la para a vitória. Desde a classe operária até a burguesia nacional, não ligada ao imperialismo norte-americano, todas as classes e camadas sociais desejam resolver a atual situação resultante da dominação do imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, os latifundiários e grandes capitalistas.

O Programa indica a todo o Partido e a todo o povo os seus inimigos fundamentais: o imperialismo norte-americano, os latifundiários e a grande burguesia. Com o Programa nas mãos, poderemos convencer e ganhar as mais amplas massas de nosso povo para a luta revolucionária que deve assegurar um golpe demolidor no poder das classes dominantes, expresso no governo de Vargas.

O surgimento do Programa representa um marco na luta pelo domínio da teoria marxista-leninista pelo nosso Partido. Até há bem pouco subestimávamos profundamente o valor da teoria. Em certo sentido, cada um de nós, ou pelo menos a maioria de nós, consideramos a luta do Partido mais do ponto de vista prático, desprezando a teoria marxista-leninista como um poderoso e decisivo instrumento para a luta prática.

A publicação do Programa nos obriga a incentivar ainda mais a luta pelo domínio da teoria e pela nossa educação ideológica. A luta de classe tende a se aguarçar. As tentativas do inimigo de golpear o Partido redobrarão inevitavelmente dentro e fora de nossas fileiras para desviá-lo do justo caminho. A reação tudo fará para enganar o Partido e as massas.

Ainda pensamos muito nos termos do Manifesto de Agosto, o que revela o nosso atraso. Precisamos mudar de caminho.

Os erros somente serão corrigidos ou evitados a tempo, se encarmos com toda seriedade o domínio da teoria. O Programa é, como afirma o camarada Prestes

em sua carta ao C.N. publicada na «Voz Operária», n.º 263 — um fator poderoso de

educação revolucionária, tanto do Partido como das mais amplas massas do povo.

O DELIRANTE LIQUIDACIONISTA FERNANDO LACERDA

Adão Voloch

TENHO o prazer de ler o número 251 do nosso semanário. Coisas graves e sérias há nesse número. Refiro-me ao artigo assinado por Fernando Lacerda.

Eis por que penso que o artigo de Lacerda é errôneo: ele contém «teses» como as que vou enumerar.

1) — «a realidade brasileira e a correlação de forças de classe existente nesse começo de 1954, estão longe de tornar viável a derrubada IMEDIATA (o grifo é dele) de Vargas».

Essa formulação é a negação de toda a análise contida nos primeiros dois capítulos do Projeto de Programa (veja-se, particularmente, o ponto 3 do II capítulo). Ora, nós não podemos substituir ou confundir todo um período histórico por uma parte desse período, por, apenas, «este começo de 1954». No momento, lutar pela derrocada do regime de grandes capitalistas e latifundiários a serviço do imperialismo ianque significa lutar pela derrocada do governo de Vargas, que representa esse regime. O resto é jogar com palavras, com medo de desgostar Vargas. Penso que Lacerda tem medo de derrubar Vargas. Se não, na opinião dele, a quem devemos derrubar? Isso é que Lacerda não diz.

E por que Fernando Lacerda acha que a formulação derrubar o governo de Vargas não é viável? Na confusão de linguagem dos itens A, B, C, D, E, ele desenvolve uma falsa teoria sobre a correlação de forças no país. Ele, sim, é que está delirantemente esquerdista, quando diz:

a) — «a maioria tem que estar mobilizada, fortemente organizada, em sólida e poderosa Frente Democrática de Libertação Nacional»;

b) — «que se forme o bloco sólido e firme da maioria do proletariado e do campesinato»;

c) — «que o proletariado brasileiro tenha começado, pelo menos a firmar nesse bloco e nessa FDLN a indissolúvel hegemonia»;

pensável hegemonia; d) — «que o PCB esteja em condições orgânica e ideologicamente de dirigir as massas»; e) — «que os inimigos do Brasil estejam TOTALMENTE E INTEIRAMENTE (o grifo é dele) isolados e desmascarados».

Isso significa, afinal, fabricar uma FDLN numa oficina de alquimista, novinha em folha, como se fosse um carro alegórico e, depois de prontinha, sair com ela, para derrubar... o que? Nessa altura, depois de tanto engenho e arte, já estaria tudo feito, e Lacerda acordaria no socialismo. Penso que pretender organizar a FDLN fora da luta diária é não pretender organizar coisa alguma. O que Lacerda faz, no caso, é reerguer suas teses liquidacionistas de 1945.

2) — «nós não alimentaremos apenas as tendências e ilusões putchistas... Nós faremos, também, o jogo dos laiaos dos ianques... e do próprio Vargas».

Isso é de mais! No que se baseia Fernando Lacerda para dizer isso? Fala no golpe de 29 de outubro de 45 em relação à política de Vargas e de seus «grandes estancieiros aburguesados, reacionários». Basta. Fernando Lacerda não percebe nada da revolução agrária e anti-imperialista que, na etapa atual, pode e deve incluir a burguesia nacional. Ele faz uma tremenda confusão e, propositadamente, embarralha as palavras para impedir a união entre as forças democráticas, proposital confusão para afastar melindrar e rejeitar forças que devem ser ganhas ou neutralizadas. Fernando Lacerda as atrai para o lado oposto. Assim ele reforça os inimigos e enfraquece o PCB. E' o caso de perguntar: afinal, de que lado está o próprio Lacerda? Afinal, pelo que expõe, mesmo querendo agradar com palavras lisongeiças, se manifesta ele, virtualmente, contra o Programa e suas teses fundamentais.

Adão Voloch

O PROGRAMA E OS ESTIVADORES DE PARANAGUÁ

Sr. redator

OS ESTIVADORES de Paranaguá estão podendo ver, agora, com toda a clareza, como são justos os artigos 31 a 36 do Programa do Partido Comunista do Brasil, artigos que se referem à melhoria da situação da classe operária. De fato, só um governo democrático de libertação nacional, que aplique aquele Programa, poderá garantir plena liberdade e melhores condições de vida aos trabalhadores. O contrário disso é o que dá o governo de Getúlio, conforme o exemplo que temos, aqui neste porto.

Agora em março os estivadores devem apresentar suas cadernetas, para receberem o «visto» da Capitania dos Portos. Pois bem: a Capitania está exigindo, de cada estivador, uma declaração «voluntária», comprometendo-se a «acatar as decisões da D.M.T. e da legislação em vigor, mesmo contrariando o sindicato dos estivadores de Paranaguá no caso de paralisação do trabalho por determinação da estiva». Os estivadores estão repudiando essa exigência fascista, que bem retrata um governo inimigo da classe operária, um governo que só quer explorar os trabalhadores. Esse lato vai ajudar cada estivador a compreender melhor a necessidade de derrubar esse governo. Cada operário do porto de Paranaguá aspira liberdade, aspira condições de vida melhores. Suas aspirações estão contidas naqueles artigos do Programa, por cuja vitória cabe a nós, comunistas,

Heróis e Mártires do PCB

WILLIAM DIAS GOMES

HERÓI proletário e comunista foi o líder mineiro William Dias Gomes, assassinado a 7 de novembro de 1948 pelos capangas da "St. John Del Rey Mining Co." que explora a Mina de Morro Velho. Aos 22 anos, William Dias Gomes empregou-se na "St. John Del Rey Mining Co." na qualidade de geoleiro. Ganhava ínfimo salário, e desde cedo compreendeu a exploração de que era vítima, ao lado de seus companheiros. Participou, em 1944 de uma greve dos trabalhadores da mina, levando à vitória os patrões. Em 1945 compreendeu o papel do Partido Comunista do Brasil, que emergia para a legalidade, e ingressou em suas fileiras, aumentando, dessa forma, no seio dos trabalhadores, o prestígio que já desfrutava.



Incansavelmente William Dias Gomes estudava o marxismo e os documentos políticos do Partido Comunista, tornando-se um dos seus militantes mais destacados em Nova Lima. Em 1946 dirigiu outro movimento reivindicatório dos mineiros e, em 1947, nas eleições municipais, foi eleito vereador, ocupando a Secretaria do Legislativo de Nova Lima.

Fiel ao seu Partido e a sua classe, William Dias Gomes arrostando o ódio dos exploradores estrangeiros, sendo por eles perseguido. Era, contudo, estimado e respeitado pelos trabalhadores. Em 1948 ele se opôs aos prêmios estrangeiros que tentavam despejar os mineiros das casas em que residiam, procurando atingir, particularmente, aqueles atacados pela tuberculose e aposentados. William e seus companheiros organizaram uma passeata de protesto, e improvisaram um comício nas escadarias da Prefeitura. William proferiu um discurso e disse:

— «No Brasil há uma minoria, dona de tudo, e uma maioria, representada por vocês que estão aqui, que nada possui. O povo, os operários, só devem confiar em sua própria força, na força de sua unidade e sua organização».

No auge dessa luta, os ingleses da "St. John" despejaram seus trabalhadores. William comandou a luta pela readmissão e, em pouco tempo, a greve geral estalou. Sete mil operários cruzaram os braços. Exigindo a readmissão dos companheiros, eles lutavam contra o inimigo comum. A greve foi vitoriosa. Os operários tiveram de ser readmitidos, mas os estrangeiros pediram um prazo de trinta dias para responder à exigência de aumento de salários. Os trabalhadores concederam o prazo, e uma semana antes que ele terminasse, capangas da "St. John Del Rey Mining Co.", obedecendo às ordens dos ingleses, dirigiram-se armados ao escritório dos vereadores comunistas, em busca de William Dias Gomes. Já assassinado-lo, e o fizeram, barbaramente. William, desarmado como se encontrava, defendeu-se como pôde.

Lutando, William Gomes morreu. Seu nome, como o de um herói comunista e proletário, é imortal. E seus assassinos, os exploradores estrangeiros, serão um dia, punidos pelos milhares de operários que, em Nova Lima, no dia 8 de novembro, fizeram o nome de William Dias Gomes.

JAIMÉ CALADO

Seu nome era José Ferreira Guimarães — era filho de um velho combatente operário, que se destacou nas lutas nacional-libertadoras de 1935. O pai de Jaime Calado faleceu em consequência das torturas sofridas nas garras da polícia do tirano Vargas, deixando-o o exemplo de firmeza revolucionária e de abnegação à causa sagrada da libertação do povo brasileiro.



Jaime Calado continuou brilhantemente a tradição do velho Clementino. Muito jovem, ingressou nas fileiras do Partido Comunista onde teve intensa atuação, particularmente nas lutas contra o integralismo. Participou da gloriosa insurreição nacional-libertadora de 1935, em Recife e, posteriormente, prosseguiu ativamente nas fileiras do Partido a luta jamais interrompida. Em Recife foi preso inúmeras vezes. Mas, nunca recuou ou deixou-se intimidar com os espancamentos e torturas sofridos na polícia, diante da qual sempre se portou com a dignidade de um revolucionário.

Em virtude de se haver tornado por demais conhecido da polícia em Recife, o que fazia pouco produtivo o seu trabalho partidário, Jaime Calado transferiu-se em 1937 para Fortaleza. Foi aí que, para não ser identificado pelos bealeguins policiais, tomou o nome de Jaime Calado.

Sua atividade em Fortaleza foi intensa. Foi um dos melhores e mais abnegados militantes do Partido no Ceará, chegando por isso a ser elevado à direção estadual. Como membro do Comitê Estadual do P. C. B., ingressou na redação de "O Democrata", dando suas melhores energias para dotar o proletariado e o povo cearense de um jornal combativo e à altura das necessidades de suas lutas.

Em outubro de 1950 o quisling Plínio Salgado, numa afronta aos sentimentos antifascistas das massas populares do Ceará, dirigiu-se para Fortaleza, a fim de presidir uma convenção do partido fascista — o PRP. Os democratas ergueram-se de indignação. Organizou-se grandiosa manifestação popular de repulsa à quinta-coluna integralista. A frente dos manifestantes colocou-se Jaime Calado. Visado pelos elementos fascistas, alvo de seu ódio bestial, Jaime Calado, com sua bravura pessoal, procurou precaver-se. Em companhia de um operário dirigiu-se ao Teatro José de Alencar, que estava sendo ornamentado para a reunião integralista, a fim de proteger junto aos responsáveis pela direção daquele edifício oficial contra sua entrega aos fascistas. Não chegou à metade do saguão do Teatro. Identificando-o, o tenente integralista Beerra, que se encontrava guardando o Teatro para os fascistas, assassinou-o friamente, à quinhentena. Era 20 de julho de 1949.

Os Deveres do Membro do Partido

Mario Alves

PARA cumprirmos as novas e difíceis tarefas decorrentes da luta pela realização do Programa, é essencial um Partido Comunista ainda mais forte, pelo número e pela qualidade dos seus membros. Ainda mais combativo e revolucionário, ainda mais unido solidamente em torno do Comitê Central.

Dal a necessidade de Estatutos que sirvam de base à construção e fortalecimento de nosso Partido. Quanto aos Estatutos, desejo tratar apenas de uma questão: sobre os deveres dos membros do Partido.

Esta é uma das partes fundamentais dos Estatutos porque define as exigências e as condições indispensáveis para a militância nas fileiras do Partido. Nestas poucas linhas se define a fisionomia, os traços essenciais do militante do Partido do proletariado.

Se compararmos os deveres dos membros do Partido como estão no projeto de Estatutos e nos antigos Estatutos do Partido compreendemos de um relance como avançamos na compreensão do que deve ser o militante comunista, do que deve ser o nosso Partido.

Esta nova compreensão, que representa um progresso considerável no nível ideológico de nosso Partido, devemos-a principalmente à grandiosa ajuda que para nós representou o estudo dos novos Estatutos do Partido Comunista da União Soviética.

A nova definição dos deveres dos membros do Partido visa elevar ainda mais a compreensão do papel de vanguarda dos comunistas.

O primeiro dever dos comunistas é a salvaguarda por todos os meios da unidade do Partido. O projeto de Estatutos estabelece esta exigência como a condição principal da força e de poderio do Partido. Assim se explica com grande clareza e força de persuasão por que devemos defender a unidade do Partido como a menina dos nossos olhos. Os antigos Estatutos, embora se referissem também à defesa da unidade do Partido como um dos deveres de todos os membros, não deixava claro por que o nosso Partido deve ser um todo único, um bloco monolítico, incompatível com a existência em seu meio de frações. A unidade do Partido é a principal condição de sua força. Por isso, todas as tentativas dos inimigos no sentido de enfraquecer o Partido se dirigem no fundo contra a unidade do Partido.

O projeto de Estatutos estabelece como um dos deveres essenciais a participação ativa de todo militante na vida política do Partido e o trabalho incansável pelo cumprimento das decisões do Partido. Este é um dos princípios de grande importância, que decorre da própria definição de membros do Partido. Se o membro do Partido, como estabelece o leninismo, é obrigado a contri-

buir para a aplicação do Programa e dos Estatutos, a lutar em uma organização do Partido e a cumprir suas decisões, ele deve participar ativamente da vida do Partido. Não pode haver comunistas inativos, à margem do Partido. Comunistas inativos acabam sendo ativos, mas contra o Partido. E o caso conhecido, principalmente de certos elementos pequeno-burgueses, etc. Fora de atividade, estão fora de controle e fora da disciplina — numa palavra, acabam fora do Partido. Esta é uma exigência que não constava dos antigos Estatutos e vem contribuir para elevar a combatividade do Partido, para acabar com a atitude passiva e formal de alguns elementos com relação às tarefas do Partido. A obrigação de trabalhar incansavelmente pelo cumprimento das decisões do Partido significa que devemos não só cumprir as nossas tarefas, mas lutar para que sejam cumpridas as tarefas do organismo a que pertencemos.

O dever dos comunistas em relação ao trabalho de massas é apresentado de modo novo e muito mais amplo que nos antigos Estatutos. É preciso considerar que, no projeto de Estatutos, não se limita o dever do militante à participação nas organizações de massa. Fica claro também o dever do militante de dedicar-se à defesa das reivindicações das massas, explicar às massas a significação da política do Partido e organizá-las para a luta a fim de realizar as tarefas estabelecidas pelo Partido. Isto explica o que consiste o trabalho de massas.

É de extraordinária importância o item que estabelece como dever dos membros do Partido trabalhar constantemente para elevar o próprio nível político e ideológico, assimilar os princípios do marxismo-leninismo. Não constava esta exigência dos Estatutos anteriores. Sabemos os prejuízos que causa ao Partido a subestimação do fator consciente do estudo e assimilação do marxismo-leninismo. Já vimos lutando contra esta subestimação. Agora colocamos a luta pela assimilação da teoria e da ideologia do proletariado como uma exigência estatutária. Não apenas para o conjunto do Partido, mas uma exigência do Partido para cada militante. Isto coloca de um modo novo, como estudar e elevar seu nível ideológico no fogo da luta, não só pelo estudo coletivo, como através do estudo individual.

No que se refere à disciplina, era colocada nos Estatutos anteriores de um modo justo. Mas no projeto de Estatutos se torna muito mais clara esta importantíssima questão, explicando que no Partido não há duas disciplinas — uma para os militantes, outra para os dirigentes; uma para os novos, outra para os velhos membros, etc. Este acréscimo é de grande importância para a educação do Partido, para garantir a observância dos princípios básicos do Partido. Este item é uma arma poderosa para combatermos qualquer tendência a julgar que a disciplina só existe para os outros e qualquer manifes-

tação de autoritarismo ou de liberalismo que violam os princípios da democracia interna e do centralismo democrático.

O desenvolvimento da crítica e da auto-crítica é colocado não só como um direito, como estava nos Estatutos anteriores. Passa a ser um dever de cada militante, que é obrigado pelos Estatutos a apontar os defeitos do trabalho do Partido, lutar para conseguir a eliminação dos erros e debilidades. Esta exigência decorre do reconhecimento de que sem auto-crítica e crítica o Partido não se desenvolve, não avança. A crítica e auto-crítica é a lei do desenvolvimento do Partido Comunista, logo é obrigatória para todo o Partido. A justa aplicação deste dispositivo significará uma grande elevação do senso de responsabilidade de todos os militantes, um enorme passo para acabarmos com as falsas concepções sobre a crítica e auto-crítica, com a hostilidade à crítica, com o medo da crítica, com a confusão entre auto-crítica e auto-humilhação. A crítica e a auto-crítica devem ser encaradas, à base dos novos Estatutos, como um dever dos membros do Partido, como uma exigência normal e natural na vida do militante e do Partido.

As exigências relativas à moral do Partido, à moral comunista em nossas fileiras estão expostas também com muito maior justeza. Nos Estatutos anteriores estas questões eram colocadas apenas do ponto de vista disciplinar e não como deveres dos membros do Partido. A observância da moral comunista, aparece agora como um dever do militante comunista, como um traço positivo, essencial ao caráter do militante comunista, e não vista apenas pelo aspecto das infrações à moral comunista.

Finalmente, a exigência de dar provas de vigilância política e de fidelidade ao Partido é nova no Projeto de Estatutos. Já temos visto na prática o quanto a falta de vigilância prejudica o Partido, pode favorecer os inimigos do Partido. Esta exigência estatutária retira a questão da vigilância do terreno das boas ou más intenções. Não se pode alegar que se teve falta de vigilância por inadvertência, etc. A falta de vigilância é uma falta gravíssima, imperdoável, para com o Partido, independente das boas intenções de cada um, e o não cumprimento de um dever partidário — estabelecem os novos Estatutos.

Os novos Estatutos do Partido, estabelecendo novos deveres para os militantes comunistas, elevam a um nível novo a condição de membro do Partido, contribuem para aumentar a combatividade e o senso de responsabilidade dos comunistas, obrigam a todos nós, militantes e dirigentes do Partido, a um maior esforço auto-crítico para nos colocarmos cada vez mais à altura do honroso título de membro do Partido Comunista.

DEVEM CONTINUAR EXISTIR AS CÉLULAS FEMININAS ?

Zamir

O IV CONGRESSO DO P.C.B. é uma oportunidade inestimável que se apresenta a todo o Partido para corrigirmos as debilidades que entravam a marcha mais rápida para a vitória da revolução no Brasil.

É dever de todo comunista estudar profundamente os pontos da ordem do dia do IV Congresso, de forma viva, ligando-os aos problemas práticos que enfrentamos diariamente no cumprimento de nossas tarefas. É ainda a melhor ocasião de aproximarmos cada vez mais, a direção das bases, levando a seu conhecimento, através de todas as formas, as questões que nos preocupam.

Por ser uma das questões que devem interessar a todo o Partido, levanto um problema que merece o estudo de nossa direção e de todos os militantes:

Devem continuar a existir as células femininas?

Creio que, para concluirmos sobre a justiça desta forma de organização adotada, devemos partir de duas questões:

1° — Por que surgiram as células femininas?
2° — Elas têm resultado positivos na prática?

Segundo a orientação que recebemos, as células femininas foram adotadas, de acordo com uma experiência do P.C. da Itália, para atender às condições objetivas em nosso país, que determinam costumes e hábitos semi-feudais, com relação à mulher e que se revelam de forma prática, na atuação da mulher como militante nos seguintes aspectos:

a) A mulher quase não pode sair à noite, a não ser acompanhada pelo marido ou por qualquer outra pessoa, ocasião em que, em geral se realizam as reuniões dos organismos;

b) O marido, em geral, cria problemas à mulher, quando esta atua em organismos junto com outros homens;

c) A mulher tem, em geral, formação intelectual muito mais atrasada que o homem e sente-se constrangida e até inibida de intervir nas reuniões onde atuam homens.

Para respondermos à segunda questão, deveremos munir-nos de dados, a fim de tirarmos uma conclusão real. Deveremos saber se, desde que foram organizadas as células femininas, aumentou o número de militantes e em que proporção. Por exemplo, no recrutamento Stálin, guardadas as condições de atraso da mulher, que impedem um crescimento igual, houve um aumento proporcional de militantes nos organismos ao constatado nas demais células? Outra pergunta: tem melhorado o nível político e ideológico das comunistas, no mesmo ritmo que entre os militantes? Como atuam as células femininas? Elas têm fornecido quadros de direção ao Partido? Elas têm se mostrado como a melhor forma de organizar e dirigir as massas femininas?

Devemos também estudar os lados negativos que apresenta tal forma de organização.

Decorrente da própria realidade brasileira, que determina o atraso semi-feudal da mulher, somos obrigados a constatar o atraso político, ideológico e orgânico das células femininas, em relação às demais células. Na sua grande maioria, as militantes são analfabetas, têm dificuldade para ler e as que sabem ler, quase não dispõem de tempo, ou en-

tão as dificuldades e privações, tornam seu cérebro quase incapaz de fixar-se num assunto que exige raciocínio. Encontramos frequentemente, e muito frequentemente as seguintes frases:

«No fim do dia estou tão cansada, que não consigo ler», ou, então: «Leio algumas linhas e começo a encherger tudo rodando», etc.

Também encontramos no interior do Estado, onde o atraso é ainda maior, casos em que o marido proíbe a mulher de ler e até o caso de um membro de C.M., que proíbe a entrada de jornais em casa, para impedir que sua companheira lesse.

A formação dos quadros femininos se verifica pois, muito lentamente. Em geral, o nível das militantes e dirigentes de células em quase nada difere da massa e as próprias assistentes pelo seu baixo nível, não dão a melhor ajuda às militantes para superarem estas dificuldades.

Encontramos, aqui, o seguinte caso concreto: quase nunca é a secretária política quem dirige as reuniões, elabora ou controla os planos, em conjunto com a célula. Estas tarefas são realizadas pela assistente, assim como muitas tarefas práticas do organismo. Quando a assistente não comparece à reunião, esta não se realiza. É um problema muito sério que necessita solução.

Creio que esta forma de organização está levando o trabalho feminino a um certo isolamento do resto do Partido. Ainda como decorrência de nosso atraso semi-feudal e de nosso baixo nível ideológico, permanecem entre grande número de militantes as seguintes tendências: ridicularizar o trabalho feminino; não permitir ou não fazer esforços para que suas próprias companheiras ingressem no Partido, evoluam política e culturalmente.

Por outro lado, observamos que os motivos que determinaram a organização das células femininas, não se verificam na prática, pois as militantes continuam saindo à noite, para realizarem suas tarefas; os maridos continuam criando problemas, mesmo quando a mulher só atua em células femininas; as militantes ainda se sentem retratadas ao intervir nas reuniões.

As causas que determinam este estado de coisas são muito profundas, decorrem do próprio regime e não podem ser superadas com uma medida formal como o é a organização das células femininas.

Cabe-nos, entretanto, verificar se elas oferecem vantagens frente às células mistas. A experiência local tem demonstrado o contrário. No nosso ponto de vista, as células mistas apresentam, ainda, as seguintes possibilidades:

1) Servir de fator educativo para supressão dos vestígios semi-feudais que existem na atitude de muitos companheiros com relação à mulher;

2) Facilitar o trabalho dos C.C. D.O. e militantes em contato com companheiros mais experientes e atuando em organismos de vida política mais intensa;

3) Tornar o trabalho feminino uma preocupação de todo o Partido e não apenas das células femininas;

4) Facilitar o trabalho dos C.C.D.D. e C.C. M.M. que, com a falta de quadros dirigentes, têm dificuldade em atender a células tão diminutas como o são as células femininas.

ES.) ZAMIR

Os artigos 20 e 25 do velho Estatuto devem ser conservados

J. Petrônio

EM CARTA ANTERIOR, pela parte que me toca nos debates do povo, dei as minhas impressões sobre o projeto de Programa do nosso P. C. B.

Pela presente, pretendo dizer o que penso sobre o projeto de Estatutos.

O que se nota logo é que a reforma do velho Estatuto, foi total. Mais sucinto, menos pleonástico, mais sintético, de um modo geral, o novo Estatuto, entretanto, em algumas figuras estatutárias foi menos feliz, ficando, assim, menos completo e, portanto, menos perfeito e mais ambíguo.

É o caso, verbi gratia, dos artigos 20 e 25 do velho Estatuto, que, acho, devem ser conservados, no novo, este, na íntegra e, aquele, na parte que especifica as penas de que o Partido faz uso. Mesmo porque, configurando essas penas disciplinares num tópico, o citado artigo 20 foi redigido mais em consonância com as regras jurídicas, pontificando mais assim, em favor da clareza, ao passo que, no novo Estatuto, elas ficaram mal configuradas, esparsas nos textos dos artigos 8, 9, 10 e 11.

Por seu turno, a redação, o texto do artigo 25 do velho Estatuto é preferível ao do art. 46 do novo, por ser mais completa, por preencher mais a sua finalidade de instrução dos processos que se apresentarem. Deve apenas ser completado com mais alguma figura indisciplinar das aludidas no artigo 46 do novo Estatuto, inexistente no artigo 25 do velho.

Sobre os artigos publicados na «Tribuna do IV Congresso»

Os artigos assinados que saem na «Tribuna do IV Congresso» representam a opinião dos seus autores que, livremente, defendem seus pontos de vista.

Todo membro do Partido tem o direito de colaborar na «Tribuna do IV Congresso» e pode criticar os artigos nela publicados.